

ORGANIZAÇÃO
NELSON TODT
ANA MIRAGAYA
FERNANDA FAGGIANI
CHRISTIAN KERN

ANAIS DO

FÓRUM DE ESTUDOS OLÍMPICOS 2022

ESTUDOS E PESQUISAS



Anais do Fórum de Estudos Olímpicos 2022

ESTUDOS E PESQUISAS

ORGANIZAÇÃO

Nelson Todt
Ana Miragaya
Fernanda Faggiani
Christian Kern

EDIÇÃO

Bianca Gama

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Fórum de Estudos Olímpicos 2022 (10. : 2022 :
Rio de Janeiro, RJ)
Anais do Fórum de Estudo Olímpicos 2022 [livro
eletrônico] : estudos e pesquisas / organização
Nelson Todt...[et al.]. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro :
Gama Assessoria Empresarial, 2022.
PDF.

Outros organizadores: Ana Miragaya, Fernanda
Faggiani, Christian Kern.
ISBN 978-65-85218-01-6

1. Esportes 2. Esportes olímpicos 3. Olimpíadas
4. Olimpíadas - História I. Todt, Nelson.
II. Miragaya, Ana. III. Faggiani, Fernanda.
IV. Kern, Christian. V. Título.

23-140459

CDD-796.4809

Índices para catálogo sistemático:

1. Olimpíadas : Esportes : História 796.4809

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

INTRODUÇÃO

PROF. DR. NELSON SCHNEIDER TODT

Vice-Presidente do Comitê Internacional Pierre de Coubertin

Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin

Membro da Junta Diretiva do Centro

Latino-Americano de Estudos Coubertinianos

Com o advento da pandemia de coronavírus ao final do ano de 2019, impuseram-se grandes desafios à sociedade. Para além de se adaptar à nova realidade, o ser humano também teve de se preocupar em fazê-lo de maneira segura, garantindo a saúde e o bem-estar das pessoas em um dos momentos mais delicados do século XXI até então. Os próprios Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 surgiram, nessa perspectiva, como prova de tal complexa adaptação.

Com os Fóruns de Estudos Olímpicos não foi diferente. Sua última edição presencial ocorreu em Aracajú, Sergipe, em 2019, e, desde então, São Paulo e Porto Alegre, respectivamente em 2020 e 2021, incumbiram-se de inaugurar as primeiras edições online do evento que deram continuidade a missão de levar às pessoas os principais pontos de desenvolvimento no que se refere aos campos de estudos do esporte alicerçado às ciências humanas e sociais, dando base à distinção epistemológica entre Estudos Olímpicos e Olimpismo.

Em 2022, no entanto, o cenário foi outro, a modalidade presencial retornou e o evento foi realizado em Juiz de Fora, Minas Gerais. A edição que marcou os 25 anos de história dos Fóruns de Estudos Olímpicos no Brasil.

O desafio agora era garantir que o evento mantivesse o nível acadêmico e profissional de excelência dos anos anteriores. Quanto a isso, a organização efetivamente cumpriu seu papel, reunindo diferentes personalidades dos âmbitos nacional e internacional para discutir temáticas voltadas às áreas de comunicação e tecnologias, mulher no esporte, psicologia esportiva, história e memória, Educação Olímpica, Pierre de Coubertin, Esporte Paralímpico, Coesão Social e a Declaração Internacional “Esporte para Todos” (documento apresentado pelo Vaticano em 2022).

Para debater todos esses assuntos, foram convidados 31 especialistas oriundos de sete países: Argentina, Brasil, Cabo-Verde, Colômbia, Costa Rica, Portugal e Espanha. As duas conferências principais

trataram dos temas “40 anos do Centro de Estudos Olímpicos do Comitê Olímpico Internacional” e “Movimento Olímpico e Equidade de Gênero”. O evento ainda apresentou nove painéis e quatro sessões de comunicações orais reunindo 24 trabalhos. Ao todo, 19 instituições participaram do evento, sendo 11 do Brasil, dividindo-se entre universidades de cinco Estados do Brasil, e 8 na perspectiva internacional, consistindo em universidades, o Centro de Estudos Olímpicos do Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico de Cabo-Verde e a Academia Olímpica Colombiana. Destaca-se ainda a importante participação dos Comitês Pierre de Coubertin da América Latina (Argentina, Brasil, Colômbia e Costa Rica).

Esses dados legitimam a importância do Fórum no fomento aos estudos e pesquisas sobre os Estudos Olímpicos. Mais do que isso, dão continuidade à trajetória iniciada em 1997 por pesquisadores referentes que, em mais uma edição, marcaram presença de maneira notável, contribuindo para o enriquecimento do evento e garantindo discussões do mais alto nível no cenário em que nos encontramos. Nesse sentido, deixo registrada a participação do Professor Lamartine DaCosta, um dos responsáveis pelo desenvolvimento dos Estudos Olímpicos no Brasil.

Assim, temos o prazer de realizar o lançamento de mais um livro de Anais dos Fóruns de Estudos Olímpicos. A obra reúne as contribuições de autores que aproximam os Estudos Olímpicos de debates da atualidade na ótica do esporte e do Movimento Olímpico. Em nome do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin, agradeço ao Comitê Internacional Pierre de Coubertin, ao Centro Latino-Americano de Estudos Coubertinianos, à Universidade Federal de Juiz de Fora que acolheu esta edição do evento, ao Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pelo suporte acadêmico e científico, às demais instituições apoiadoras do evento e, em especial à Editora Gama Assessoria Empresarial.

Com o desejo de uma ótima leitura,
Saudações Olímpicas.

Nelson Schneider Todt

COMISSÃO CIENTÍFICA

AURIA COLDEBELLA

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (Brasil).

CLÁUDIA FERNANDA ROJAS

Escuela Nacional del Deporte; Comitê Colombiano Pierre de Coubertin; Centro Latino-americano de Estudos Coubertinianos (Colômbia).

CHRISTIAN ROBERTO KERN

Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin; Centro Latinoamericano de Estudios Coubertinianos (Brasil).

DANTE PARRA

Instituto Superior San Miguel; Comitê Pierre de Coubertin Argentina; Centro Latino-americano de Estudos Coubertinianos (Argentina).

DOIARA SANTOS

Universidade Federal de Viçosa (Brasil).

ESTER LIBERATO

Universidade Estadual de Montes Claros (Brasil).

LINA MARCELA VÉLEZ

Escuela Nacional del Deporte; Comitê Colombiano Pierre de Coubertin; Centro Latino-americano de Estudos Coubertinianos (Colômbia).

LUIS HENRIQUE ROLIM

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS; Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (Brasil).

MARTA GOMES

Fundação de Apoio à Escola Técnica; Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (Brasil).

NELSON TODT

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin; Centro Latino-americano de Estudos Coubertinianos (Brasil).

**COORDENADORAS DA
COMISSÃO CIENTÍFICA****ANA MARIA MIRAGAYA**

Universidade Estácio de Sá; Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin; Centro Latino-americano de Estudos Coubertinianos (Brasil).

Fernanda Faggiani

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS (Brasil).

SUMÁRIO

PARTE I

PAINELISTAS

- 12** GESTÃO E TECNOLOGIAS AVANÇADAS NO ESPORTE
- 14** MUJER Y DEPORTE: UN CAMINO CONSTRUIDO ENTRE TODOS. IMPLICACIÓN FRENTE EL DERECHO A LA IGUALDAD Y LA NO DISCRIMINACIÓN EN EL CASO DE ATLETAS TRANSGÉNERO EN EL DEPORTE FEMENINO
- 17** EMPODERAMENTO DE MENINAS E MULHERES POR MEIO DO ESPORTE
- 19** JOSÉ MARIANO BENJAMÍN ZUBIAUR: OLIMPISMO, DEPORTE Y EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ARGENTINA
- 22** JOGOS OLÍMPICOS E HISTÓRIA REGIONAL: MEMÓRIAS EM DOCUMENTOS, DEPOIMENTOS E OBJETOS
- 25** SISTEMATIZACIÓN DE EXPERIENCIA DE APRENDIZAJE A TRAVÉS DEL MUSEO ITINERANTE DE MUJER Y DEPORTE DE LA IU ESCUELA NACIONAL DEL DEPORTE
- 28** LA EQUIDAD DE GÉNERO EN LA GOBERNANZA Y EL LIDERAZGO DE LAS ORGANIZACIONES DEPORTIVAS PARALÍMPICAS DE NIVEL DEPARTAMENTAL EN EL VALLE DEL CAUCA
- 31** DE DURKHEIM A RISKALLA: UMA ABORDAGEM SOBRE A COESÃO SOCIAL DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL ATUAL
- 34** DEPORTE COHESIÓN SOCIAL UN PROYECTO DE APROVECHAMIENTO DEL TIEMPO LIBRE

- 41** AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO EM SAÚDE MENTAL PARA ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS RUMO A PARIS 2024
- 45** DESAFIOS PARA UMA PSICOLOGIA DO ESPORTE

PARTE II

(RESUMOS DE TRABALHOS APRESENTADOS)

- 50** PROGRAMA ESPORTIVO DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA E INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: APROXIMAÇÕES CONSTATADAS
- 51** SPORTSFIT: UMA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA ORIENTAÇÃO DE TALENTOS ESPORTIVOS
- 56** PERSPECTIVA FILOSÓFICA DO OLIMPISMO
- 59** A ÁFRICA NO MOVIMENTO OLÍMPICO ANTES DA DESCOLONIZAÇÃO (1894-1940)
- 62** GUARDIÕES DA CHAMA OLÍMPICA: ANÁLISE DO LEGADO INTANGÍVEL DO REVEZAMENTO DA TOCHA RIO 2016
- 65** AÇÕES DO COMITÊ BRASILEIRO PIERRE DE COUBERTIN
- 68** AÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS EM ESPORTES EQUESTRES ADAPTADOS E PARALÍMPICOS NO BRASIL ALIADAS À TECNOLOGIA ASSISTIVA
- 71** GUARDIÕES DA CHAMA OLÍMPICA: ANÁLISE DA FUNÇÃO NO CONTEXTO DE LEGADO INTANGÍVEL DOS JOGOS OLÍMPICOS (1984-2016)
- 74** ACADEMIC OLYMPIC STUDIES AND RESEARCH CENTRE - ATENDENDO AS NOVAS DIRETRIZES DO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL

- 77** UM ESPORTE OLÍMPICO NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ESPORTE/RJ: UMA HISTÓRIA DO HIPISMO PELO PERIÓDICO CARIOCA
- 80** OS RESULTADOS DA PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NAS OLIMPIADAS DE MOSCOU: CONSEQUÊNCIAS PARA O DEBATE DO ESPORTE AMADOR NO CENÁRIO NACIONAL
- 83** PROGRAMA BOLSA-ATLETA E JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO NA ATUALIDADE: EXPANSÃO OU CONTRAÇÃO?
- 86** ANÁLISE DOS LOCAIS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS BRASILEIROS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES, RIO DE JANEIRO E TÓQUIO
- 88** A TRAJETÓRIA DOS ATLETAS OLÍMPICOS CATARINENSES PARTICIPANTES DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016
- 91** UM OLHAR PARA JOGOS OLÍMPICOS DO RIO 2016: AS PERCEPÇÕES DE ATLETAS CATARINENSES ACERCA DO OLIMPISMO
- 94** ATLETAS OLÍMPICOS DE SANTA CATARINA NA RIO 2016: HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVA
- 97** ATLETAS OLÍMPICAS CATARINENSES NA RIO2016: MEMÓRIA, INSERÇÃO E TRAJETÓRIA ESPORTIVA
- 100** OLIMPIADAS DE LONDRES, RIO DE JANEIRO E TÓQUIO: INICIAÇÃO ESPORTIVA DOS ATLETAS BRASILEIROS DE ATLETISMO
- 103** EDUCAÇÃO DO OLIMPISMO NO ENSINO SUPERIOR: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO
- 105** EXPERIÊNCIA FORMATIVA: UMA PROPOSTA DE MINICURSO PARA A PROMOÇÃO DOS TEMAS DOS ESTUDOS OLÍMPICOS

- 107** ESTUDOS OLÍMPICOS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE ENSINO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS
- 109** JOGOS OLÍMPICOS EM DEBATE: EXPOSIÇÃO VIRTUAL REFLEXÕES OLÍMPICAS E DIGNIDADE HUMANA
- 112** IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO TROFÉU BRASIL DE ATLETISMO: A PERFORMANCE DOS ATLETAS BRASILEIROS NO CICLO OLÍMPICO 2017-2021
- 114** CHEERLEADING NOS JOGOS OLÍMPICOS? POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA MODALIDADE NO BRASIL
- 117** CARRETA DO EMUSEU DO ESPORTE: UMA FERRAMENTA DE ACESSO À TECNOLOGIA, ESPORTE, INCLUSÃO E SUSTENTABILIDADE EM MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

PARTE I

PAINELISTAS

GESTÃO E TECNOLOGIAS AVANÇADAS NO ESPORTE

BIANCA GAMA PENA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

eMuseu do Esporte

O objetivo da palestra foi apresentar o projeto do eMuseu do Esporte com o avanço no metaverso a partir dos simuladores da carreta, o cunho acadêmico e sobretudo a tecnologia usada como ferramenta de educação e engajamento social. Sobre a tecnologia utilizada: Simulador de Caiaque: O simulador conta com um caiaque realístico com espaço para duas pessoas simultaneamente, dois remos, dois óculos (ligados entre si e acionados por um teclado vinculado a um computador) e uma base com dois motores hidráulicos que permitem que a atração se movimente conforme o vídeo. Os óculos reproduzem um vídeo 360º que simula a descida de caiaque em um riacho bastante movimentado. A atividade possui audiodescrição para os deficientes visuais. Simulador de snowboard: O sistema emula a descida de snowboard através de um vídeo 360º reproduzido pelo Oculus com sons e imagens extremamente realistas. Para a imersão ser ainda mais completa o sistema conta com um snowboard profissional acoplado a uma plataforma através de duas molas que proporcionam movimentações reais aos usuários. A atividade possui audiodescrição para os deficientes visuais. Simulador de Arco e Flecha: Esse simulador usa inteiramente os acessórios dos óculos para a reprodução dos jogos de arco e flecha, badminton e tênis de mesa. O usuário joga em todos os exemplos de simuladores acima, em primeira pessoa como preconiza o metaverso. Sobre a tecnologia usada como ferramenta de educação, a mesma é utilizada para criar acessibilidade. Com o objetivo de englobar a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), o eMuseu do Esporte lançou a Coletânea “Esporte, Inclusão e Sustentabilidade”. As 6 cartilhas lançadas até o momento estão disponíveis para download gratuito no portal do eMuseu do Esporte (<https://www.emuseudoesporte.com.br/br/home>). Todas possuem audiodescrição para facilitar o acesso por pessoas com deficiência visual, além de vídeos para facilitar a

aplicação do conteúdo sobre a construção dos implementos dos materiais esportivos. As cartilhas foram concebidas com o intuito de fornecer à população um material didático-pedagógico de linguagem simples e de fácil acesso, que abordasse o tema de sustentabilidade dentro do contexto esportivo. As cartilhas abordam como criar materiais esportivos a partir de materiais recicláveis. O acesso por meio da audiodescrição das cartilhas mostra que atividades como estas devem ser disseminadas pelas grandes autoridades educacionais. As cartilhas são utilizadas prioritariamente durante a itinerância da carreta. Quando a carreta chega em uma cidade, há três operações de aplicabilidade das mesmas: capacitação de professores das escolas municipais dos municípios; capacitação dos monitores que atuam diretamente na carreta orientando os visitantes quanto às atividades ofertadas; e oficina de sustentabilidade e esporte para os visitantes na parte externa da carreta. Entende-se que este instrumento pode agregar aos profissionais das escolas públicas e particulares de modo que os inspirem a realizar oficinas para a construção de materiais esportivos a partir de materiais recicláveis com os seus alunos e que sobretudo incluam pessoas com deficiência visual. A coletânea tem se mostrado uma ferramenta eficiente para a promoção do desenvolvimento sustentável entre crianças e jovens, engajamento dos visitantes além de formação de professores com o intuito de se tornarem agentes multiplicadores para as demais escolas da rede. A carreta com suas diversas experiências imersivas tem se mostrado uma forma excelente de atração de público de todas as idades, engajamento e promoção do estilo de vida fisicamente ativo e saudável.

Palavras-chave: Esporte; Tecnologia; Inclusão; Sustentabilidade.

MUJER Y DEPORTE: UN CAMINO CONSTRUIDO ENTRE TODOS. IMPLICACIÓN FRENTE EL DERECHO A LA IGUALDAD Y LA NO DISCRIMINACIÓN EN EL CASO DE ATLETAS TRANSGÉNERO EN EL DEPORTE FEMENINO

CLAUDIA FERNANDA ROJAS NÚÑEZ

Institución Universitaria escuela nacional del deporte - Colombia

El deporte es visto como una herramienta para la integración e inclusión de todas las personas permitiendo la expresión de libertad en el ser humano. Tanto el Comité Olímpico Internacional (COI) en su carta olímpica como las Naciones Unidas en los objetivos de desarrollo sostenible, reconocen que el deporte contribuye con objetivos sociales además de los deportivos. En el caso del deporte asociado, los altos logros se rigen por normas que permiten las competiciones en igualdad de oportunidades bajo unas condiciones dadas por cada deporte. La conquista de las mujeres en este contexto ya lleva más de 80 años buscando el derecho a la igualdad y a la no discriminación en el sistema deportivo olímpico. Hoy, tanto Estados como organismos deportivos promueven su participación y buscan erradicar barreras que la impidan, puesto que ello está en la base del sistema internacional de protección de los derechos humanos. En los últimos 17 años, la autodeterminación de género busca espacio en el deporte olímpico ¿choca esto con los valores de la igualdad en el deporte femenino de altos logros? El COI desde el 2005 ha dado lineamientos sobre este tema y la evolución que ha tenido lleva hoy a que cada federación deportiva permita la inclusión de acuerdo a

sus normas. Hoy muchas mujeres cisgénero se niegan a competir o tienen miedo a participar porque evidencian ventajas en competencia que les disminuyen su participación efectiva. Esta investigación hizo una revisión de las diferentes posiciones sobre la incursión de Atletas transgénero en el deporte femenino de altos logros, para analizar su implicación frente al derecho a la igualdad y la no discriminación. Para ello se revisaron las diferentes percepciones desde posturas deportivas, jurídicas tanto en más de 300 documentos académicos y redes sociales. Por otro lado, el estudio exploratorio llevó a realizar entrevistas. Como resultado se evidenció que hay pocas investigaciones que permitan estandarizar una respuesta, por el contrario, la mayoría de casos hablan de la transición hormonal en grupos concretos. Sin embargo, se evidencia caos normativo en la participación deportiva de mujeres transgénero, mayor visibilización de este colectivo, pero no implica mayor reconocimiento social. Lo anterior lleva a tambalear el modelo deportivo existente al colocar en peligro la categoría femenina en el deporte. El modelo deportivo olímpico actual no se concibe desde condiciones filosóficas sino biológicas.

Palabras clave: Equidad de género; Derecho deportivo; Equidad; Gobernanza.

Referencias:

AGUIAR, I. "Derechos en conflicto en las regulaciones trans en el deporte: entre la inclusión, la equidad y la seguridad", en Pérez Triviño, J. L. (Coord.) Transgénero y deporte, Editorial Hexis, 2022

AGUIAR, I. "Deporte femenino y personas transexuales: una aproximación a la situación actual", en Millán, A. y Blanco, E. (Coord.) Marco legal y retos de la gestión deportiva, Editorial Reus, 2022, pp. 139-158

ALVARES LAM, Santos MR, Souza FR, et al Capacidad cardiopulmonar y fuerza muscular en mujeres transgénero en terapia hormonal de afirmación de género a largo plazo: un estudio transversal *British Journal of Sports Medicine* 2022;56:1292-1298.

DURÁNTEZ CORRAL, C., Pérez-Turpin, J. A., Martínez Vidal, A., Mateos Padorno, C., Martínez Patiño, M. J., & González Molina, A. (2010). Principles of the Olympic movement. *Journal of Human Sport and Exercise*, 5(1), 3-14.

HARPER, J., O'Donnell, E., Khorashad, B. S., McDermott, H., & Witcomb, G. L. (2021). How does hormone transition in transgender women change body composition, muscle strength and haemoglobin? Systematic review with a focus on the implications for sport participation. *British Journal of Sports Medicine*, 55(15), 865-872.

HARPER, J. (2019). *Sporting gender: The history, science, and stories of transgender and intersex athletes*. Rowman & Littlefield Publishers.

LJUNGQVIST, A., Martínez-Patiño, M. J., Martinez-Vidal, A., Zagalaz, L., Díaz, P., & Mateos, C. (2006). The history and current policies on gender testing in elite athletes. *International SportMed Journal*, 7(3), 225-230.

JOSÉ, M., Mateos-Padorno, C., Martínez-Vidal, A., Mosquera, A. M. S., Soidán, J. L. G., Pereira, M. D. P. D., & González, C. F. T. (2010). An approach to the biological, historical and psychological repercussions of gender verification in top level competitions. *Journal of Human Sport and Exercise*, 5(3), 307-321.

ROBERTS TA, Smalley J, Ahrendt Efecto de las hormonas que afirman el género en el rendimiento deportivo en mujeres trans y hombres trans: implicaciones para las organizaciones deportivas y los legisladores *British Journal of Sports Medicine* 2021;55:577-583.

EMPODERAMENTO DE MENINAS E MULHERES POR MEIO DO ESPORTE

MARIANA CRISTINA BORGES NOVAIS

LUDMILA MOURÃO

Universidade Federal de Juiz de Fora

A Organização das Nações Unidas (ONU) traçou metas a serem alcançadas até 2030. Dentre estas, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 refere-se à Igualdade de Gênero e consiste em “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” por meio da erradicação de discriminações, violências e práticas nocivas; reconhecimento do trabalho doméstico não remunerado; garantia de participação como líderes na política e economia; segurança e acesso universal à saúde sexual e reprodutiva (ONUBR, 2016). Dados do Ministério do Esporte apontam que 34,8% de meninas com até 15 anos abandonam o esporte, enquanto a taxa dos meninos é de 19,3%. Estereótipos de masculinidades e feminilidades limitam as práticas corporais e aumentam a desigualdade entre os grupos (UVLO, 2017). Nessa direção, o “Programa Uma Vitória Leva à Outra (UVLO) – meninas empoderadas pelo esporte”, ação conjunta entre ONU Mulheres, Comitê Olímpico Internacional e as Organizações Não Governamentais (ONGs) Women Win e Empodera: [...] visa garantir que meninas e mulheres possam participar, trabalhar com, governar e desfrutar do esporte em igualdade de condições. O programa foi reconhecido como um legado dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e, em sua segunda fase, de 2018 a 2021, treinou organizações esportivas a trabalhar com o empoderamento de meninas através do esporte e, assim, garantir resultados de longo prazo na quebra do ciclo da violência (UVLO, 2021). No âmbito feminista, o empoderamento é pensado como: [...] uma jornada se desenrolando, gradativamente, com a conscientização e poder coletivo de mulheres. [...] não é entendido como algo que possa ser dado ou repassado para outrem, mas sim, tal como se dava nos grupos de conscientização feministas, como um processo de autorreconhecimento e

reconhecimento das desigualdades de gênero, bem como do “direito de ter direitos” e de agir no sentido de provocar mudanças estruturais em prol de uma sociedade mais igualitária (SARDENBERG, 2018, p. 18). Por meio do esporte, ao se apropriarem de seus corpos, meninas e mulheres tomam consciência de seus direitos, aumentam sua agência e passam a exigir que sua integridade física e psicológica seja respeitada. O esporte favorece ainda o desenvolvimento de habilidades e valores para a vida como a autoconfiança, autoestima, autonomia, liderança, disciplina, persistência, capacidade de estabelecer metas e desenvolver estratégias para alcançá-las, respeito às regras e às diferenças e espírito de equipe.

Palavras-chave: Empoderamento; Igualdade de gênero; Direitos; Feminismo; Esporte.

Referências:

BRASIL. Diagnóstico Nacional do Esporte. Ministério Do Esporte. 2015. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html>. Acesso em 01 de novembro de 2022.

ONU BRASIL. Glossário de termos do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/05/Glossario-ODS-5.pdf>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

SARDENBERG, C. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inclusão Social*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 15-29, jan./jun. 2018.

UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA. Currículo Uma Vitória Leva à Outra. 2017. Disponível em: <http://www.umavitorialevaaoutra.org.br/curricul>. Acesso em 05 de abril de 2021.

UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA. Sobre o programa. Disponível em: <http://www.umavitorialevaaoutra.org.br/sobre-o-programa>. Acesso em 05 de abril de 2021.

JOSÉ MARIANO BENJAMÍN ZUBIAUR: OLIMPISMO, DEPORTE Y EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ARGENTINA

DANTE GERARDO PARRA

Instituto Superior de Educación Física San Miguel

Este trabajo pretende difundir y viralizar la vida y obra del Dr. José Mariano Benjamín Zubiaur y su impacto en el desarrollo del deporte, la Educación Física y el Olimpismo en la República Argentina. De igual modo se aspira a descubrir los puntos de conexión de su vida con la obra de Pierre de Frédy Barón de Coubertin. Benjamín Zubiaur fue un pedagogo (de profesión abogado) nacido en la ciudad de Paraná (provincia de Entre Ríos - Argentina) el 31 de marzo de 1856 y fallecido el 6 de septiembre de 1921 (Bs. As). Su imagen y obra ha sido poco difundida en el campo del Olimpismo latinoamericano y en el mundo de la Educación Física Argentina; muy pocos textos relacionan la figura de este pedagogo con la del creador de los Juegos Olímpicos Modernos, la difusión del Olimpismo y la inclusión de la Educación Física y el deporte en el ámbito escolar. Parte de la historia, que se ha narrado hasta el momento, afirma que Zubiaur conoció a Coubertin en la “Exposición Universal de París” en el año 1889, siendo uno de los trece (13) fundadores del Comité Olímpico Internacional (COI) y el único representante de Iberoamérica. El relato dirá que en el año 1907, el COI lo declarará “dimitente” fundamentando dicha decisión por inactividad en los asuntos olímpicos. Parte de su verdadera historia (la menos conocida) nos contará que llevó adelante una serie de innovaciones pedagógicas de vanguardia tales como: ser el director del Colegio Nacional del Uruguay en el año 1892 (primer colegio del país laico y gratuito), ser el promotor de los primeros Viajes de Estudio, dar origen a la Asociación Educacionista la Fraternidad, la Escuela Benjamín Franklin e incorporar las actividades prácticas a los contenidos curriculares abriendo talleres de carpintería, encuadernación, cartonado y fotografía. Logrará la in-

corporación en la currícula escolar de los “ejercicios físicos” y la práctica de los deportes: esgrima (1877), fútbol (1892), natación, remo, sumado a la organización de las primeras regatas escolares (los días patrios). Tal vez el mayor triunfo de este educador fue la señorita Teresa Ratto (segunda médica del país), la cual representa su lucha por darle un lugar en la educación a las mujeres, en principio como educadoras y luego como educandas. Tanto Zubiaur como Coubertin dedicaron sus esfuerzos a la reforma educativa de su país, eran fieles creyentes de que la educación, el deporte y la práctica de la Educación Física eran el camino para cultivar la fuerza moral de los jóvenes.

Palabras clave: Historia de la Educación Física; Fundación del COI; Benjamín Zubiaur; Teresa Ratto; Coubertin.

Referencias:

AISENTEIN, Ángela y Scharagrodsky, Pablo. “Tras las huellas de la Educación Física Escolar. Género, cuerpo y pedagogía. 1880-1950”. Buenos Aires. Prometeo, abril de 2006. Pág. 342.

BONVÍN, Jorge. “Zubiaur – Una voz aún vigente”. Argentina, Concepción del Uruguay. Editorial CDU, septiembre 2021. Págs. 137.
Comité Olímpico Internacional (C.O.I). “Manual de Administración Deportiva – Solidaridad Olímpica”. Canada, año 2004, 2010, 2014, 2019. Pág. 295.

DURANTEZ, Conrado. “Historia y Filosofía del Olimpismo”. Asociación Iberoamericana de Academias Olímpicas. Quinta edición, año 2002. Págs. 83.

DURRY, Jean. “El Verdadero Pierre de Coubertin”. Comité Internacional Pierre de Coubertin. Laussane/Buenos Aires. 2018. Págs. 159.

MÜLLER, Norbert y Otto Schantz. “Bibliografía de los Escritos de Coubertin”. Barcelona. Págs. 690.

PUIGGRÓS, Adriana. “¿Qué pasó en la educación argentina? Desde la conquista hasta el presente”. Buenos Aires. Sexta Edición. Galerna, febrero de 2012. Pág. 219.

ROZENGARDT, R. Coord. "Apuntes de historia para profesores de Educación Física". Buenos Aires. Miño Dávila 2006. Pág.355.

SARAVÍ RIVIÉRE, Jorge. "Historia de la Educación Física Argentina - Siglo XIX. Buenos Aires. Zorzal 2014. Págs. 95.

SCHARAGRODSKY, Pablo (compilador): "Hombres en Movimiento. Deporte, cultura física y masculinidades en la Argentina 1880-1970". Prometeo, Buenos Aires 2021. Págs. 396.

JOGOS OLÍMPICOS E HISTÓRIA REGIONAL: MEMÓRIAS EM DOCUMENTOS, DEPOIMENTOS E OBJETOS

CAROLINA FERNANDES DA SILVA
Universidade Federal de Santa Catarina

Os Jogos Olímpicos se disseminam ao longo das suas edições, alcançando cada vez mais países e localidades, pela mídia e pela cultura esportiva global, gerando representações e registros de determinados espaços e períodos históricos em documentos, depoimentos e objetos. Tais elementos são construídos por culturas globais e regionais. Conforme Bourdin, (2001, p. 25), “A construção de uma localidade, por ser atividade de um grupo humano, envolve: constituição de articulações sociais; de identidade cultural; de especificidade do político; e de conexão entre as diferentes escalas da organização social”. Desta maneira, envolve agentes individuais e coletivos: aqueles que vivenciam os Jogos Olímpicos de diferentes formas, desvelando modos de vida, tensões, interações e interpretações, conforme a extensão das suas representatividades. Estas são manifestadas pelas memórias coletiva e individuais (HALNWACHS, 1990). Documentos, depoimentos e objetos registram estas memórias e quando analisados a partir de referenciais teórico-metodológicos permitem a reconstrução de Histórias Regionais do Esporte e do contexto em que estão inseridas, pois a memória é um espaço de disputa, onde ocorre a luta por conservação, enquadramento, silenciamento, esquecimento, reorganização, contradições, tensões e cisões (POLLAK, 1989). Os atletas rememoram os mesmos objetos de memória e vivências compartilhadas marcantes em suas trajetórias esportivas para e nos Jogos Olímpicos. “[...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” (NORA, 1993, p. 9). Diante disso emerge a seguinte questão: como as especificidades das participações de atletas de regiões do Brasil permitem compreender os Jogos Olímpicos como um todo? Uma vez que os Jogos

são um fenômeno internacional que gera representações regionais, por estar sujeito aos significados gerados pelas culturas. Estudos produzidos nos estados do Rio Grande do Sul (CARMONA et al., 2014; SILVA; MAZO, 2017; SILVA, KATCIPIS, MAZO, 2018; MAZO et al., 2021; SILVA; BATAGLION; MAZO, 2021; SILVA et al., 2022a) e em Santa Catarina (SILVA; BORBA; MAZO, 2021; SILVA et al., 2022b) demonstram como as participações de sul-rio-grandenses e catarinenses permitem compreender a História dos Jogos Olímpicos a partir de casos específicos, tendo nas comparações e contextualizações, os caminhos para o conhecimento da História do Esporte brasileira e internacional.

Palavras-chaves: Jogos Olímpicos; História Regional; Atletas; Memórias.

Referências Bibliográficas

BOURDIN, Alain. A questão local. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARMONA, Eduardo; MARTINI, Sérgio; SILVA, C. F. ; PEREIRA, Ester ; MAZO, Janice . Histórias das primeiras participações de atletas Sul-Rio-Grandenses nos Jogos Olímpicos. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 14, p. 183-195, 2014.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1993.

MAZO, JANICE ZARPELLON; ASSMANN, ALICE BEATRIZ; PEREIRA, ESTER LIBERATO; SILVA, CAROLINA FERNANDES DA. A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1936, EM BERLIM: CONFLITOS INTERNOS ENTRE GRUPOS. Revista Movimento, v. 27, p. e27072, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, v. 10, 1993.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3, 1989

DA SILVA, CAROLINA FERNANDES; MAZO, JANICE ZARPELLON; DE BORBA, BRUNA LETÍCIA; GINCIENE, GUY. Willy Richard Frantz

Seewald (1900-1929): The Brazilian Sportsman in the 1924 Olympic Games. *International Journal of the History of Sport*, v. 39, p. 193-209, 2022.

SILVA, CAROLINA FERNANDES DA; MAZO, Janice; BORBA, B. L.; TODT, Nelson. 1932 Olympic Games: The Participation of a Unique Brazilian Athlete. *International Journal of the History of Sport*, p. 1-19, 2022.

SILVA, CAROLINA FERNANDES DA; BORBA, B.; MAZO, Janice. O ATLETISMO BRASILEIRO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1932: A PARTICIPAÇÃO DO HOMEM DE FERRO. *JOURNAL OF HUMAN SPORT AND EXERCISE*, v. 16, p. 62-73, 2021.

SILVA, C. F.; BATAGLION, G. A.; MAZO, Janice. OS REMADORES BRASILEIROS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1948: DISPUTAS DE REPRESENTAÇÕES REGIONAIS PARA ALÉM DAS RAIAS DE REMO. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA E MOVIMENTO*, v. 29, p. 1-26, 2021.

SILVA, C. F.; KATCIPIS, L. F.; MAZO, J. Z.. Rio 2016 Olympic Games and immaterial legacy. *JOURNAL OF HUMAN SPORT AND EXERCISE*, v. 13, p. s17-s19, 2018.

MAZO, Janice; SILVA, C. F.; MERLIN, Gabriel K.; TODT, Nelson. Shooting: the First Brazilian Olympic Medals. *Diagoras: International Academic Journal on Olympic Studies*, v. 1, p. 135-152, 2017

SILVA, C. F.; CARMONA, E.; MAZO, JANICE ZARPELLON. NARRATIVAS DE ATLETAS DE VOLEIBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS (1964 E 1968). *Pensar a Prática (Online)*, v. 18, p. 782-795, 2015.

SISTEMATIZACIÓN DE EXPERIENCIA DE APRENDIZAJE A TRAVÉS DEL MUSEO ITINERANTE DE MUJER Y DEPORTE DE LA IU ESCUELA NACIONAL DEL DEPORTE

ALBA INÉS ASTUDILLO DE MOLINA

CLAUDIA FERNANDA ROJAS NÚÑEZ

Institución Universitaria escuela nacional del deporte - Colombia

En un modelo de desarrollo sostenible como el planteado por las Naciones Unidas con el alcance de los 17 Objetivos de Desarrollo Sostenibles, se requieren personas capacitadas, con las habilidades del siglo XXI, con pensamiento crítico y una visión creativa. Para la realización de los I Juegos Panamericanos Junior Cali Valle 2021, la IU Escuela nacional del deporte realizó como legado del evento deportivo un museo itinerante de mujer y deporte. Este espacio contaba con más de 30 piezas en forma rectangular con representación visual de información y datos de mujeres en el deporte olímpico, tanto atletas como periodistas, autoridades de juzgamiento, dirigentes en el Valle del Cauca y en el contexto internacional. Este museo itinerante se llevó por diferentes escuelas, escenarios y sedes deportivas. Actualmente se presenta en la institución. Reconocer y visibilizar los resultados deportivos al igual que sus historias de vida en las mujeres, permite inspirar a más niñas y jóvenes a involucrarse en el deporte, al igual que el resto de la sociedad a valorar esos esfuerzos que rompen barreras de género. La enseñanza de los valores olímpicos y la equidad de género requiere de herramientas que permitan la aplicación de los mismos para cumplir con la misión del movimiento olímpico: construir un mundo mejor a través del deporte. Es necesario pasar de los anuncios a la acción. Este proyecto de investigación llevado a figuras transportables recoge la contribu-

ción y repercusión en la sociedad de la historia de vida de mujeres en su trayectoria como el Olimpismo. Reconocer su contexto y cultura es fundamental para entender sus éxitos y obstáculos es el legado que este evento deportivo dejó para las generaciones futuras. Toda desigualdad lesiona la dignidad humana y puede causar daño moral en los ambientes y entornos de aprendizaje, en especial en el deporte. Entender la desigualdad, permite enfocar la "magia" del deporte para alcanzar los ODS y la visión del mundo olímpico, alejando la violencia, el abuso y la indiferencia.

Palabras clave: Equidad de género; Museo itinerante; Equidad; Gobernanza.

Referencias:

ALFARO, Élida., Mayoral, Ángel., Vázquez, Benilde. (2018) Factores que condicionan el acceso de las mujeres a los puestos de responsabilidad en el deporte. Subdirección General de Mujer y Deporte. Consejo Superior de Deportes: Madrid.

ALFARO, Élida (2007). Análisis y evolución de la práctica deportiva en edad escolar desde la perspectiva de género. En VI Congreso Deporte y Escuela. pp.15-39. Cuenca: Diputación Provincial.

COI. (2000). 2a Conferencia Mundial sobre Mujer y Deporte. En:<http://www.mujerydeporte.org/documentos/docs/2%C2%AA%20CONFERENCIA%20MUNDIAL%20SOBRE%20MUJER%20Y%20DEPORTE%20COI.pdf>.

Comité Olímpico Internacional (2018). Examen sobre igualdad de género. Lausanne: CIO

DIAZ B, F. &. (2002). Estrategias docentes para un aprendizaje significativo. Una interpretación constructivista. Mexico. Recuperado en <https://buo.mx/assets/diaz-barriga%2C---estrategias-docentes-para-un-aprendizaje-significativo.pdf>: MC Graw Hill. Segunda Edición

EDUTEKA. (2020). Eduteka. Obtenido de Aprendizaje Basado en Proyectos para la educación del siglo XXI [Archivo de Vídeo]: <https://youtu.be/9JShYXm5WRo>

JOSÉ, M., GONZÁLEZ, M., BLASCO, E. M., & ESTUPIÑÁN, M. C. MUJER Y DEPORTE. JORNADAS SOBRE MUJER Y DEPORTE. Documento recuperado en

ONU (2000). Comité especial de la ONU, para evaluar la acción de Beijing. En:
<https://undocs.org/es/A/RES/S-23/3>.

ONU Mujeres (1995). 4a Conferencia Mundial de la Mujer (1996). En:
<http://www.unwomen.org/es/how-we-work/intergovernmental-support/world-conferences-on-women>.

VÁZQUEZ, B., Alfaro, É., & Mujer, S. DEPORTE Y GÉNERO. Documento recuperado en https://www.researchgate.net/profile/Nuria-Puig/publication/342153508_Benilde_Vazquez_y_Elida_Alfaro_DEPORTE_Y_GENERO_La_participacion_de_las_mujeres_en_el_deporte_espanol_la_ruptura_de_estereotipos_sexuales_y_de_genero/links/5ee50e3392851ce9e7e37383/Benilde-Vazquez-y-Elida-Alfaro-DEPORTE-Y-GENERO-La-participacion-de-las-mujeres-en-el-deporte-espanol-la-ruptura-de-estereotipos-sexuales-y-de-genero.pdf

LA EQUIDAD DE GÉNERO EN LA GOBERNANZA Y EL LIDERAZGO DE LAS ORGANIZACIONES DEPORTIVAS PARALÍMPICAS DE NIVEL DEPARTAMENTAL EN EL VALLE DEL CAUCA

CLAUDIA FERNANDA ROJAS NÚÑEZ

LINA MARCELA VÉLEZ SÁNCHEZ

Institución Universitaria escuela nacional del deporte - Colombia

La discriminación de la mujer en el deporte y su exclusión en la toma de decisiones se convierte en un acto moral a revisar que responde a las agendas 2030 de la ONU y 2020 del COI. El deporte vallecaucano ha sido reconocido por su desarrollo y resultados. Sin embargo, no se conocen datos de participación y liderazgo de las mujeres en las organizaciones deportivas paralímpicas ¿Qué implicaciones genera las desigualdades y brechas de género en la gobernanza de las organizaciones del deporte asociado paralímpico departamental? Como objetivo general se plantea analizar la relación existente entre la equidad de género, el liderazgo y la gobernanza del sector paralímpico en el Valle del Cauca. Para describir las características de equidad de género se analiza desde la teoría de la masa crítica. Sotiriadou (2019), Adriaanse y Schofield (2013) y Adriaanse (2016) utilizaron este concepto para examinar el papel de las mujeres en el liderazgo deportivo, basándose en la dinámica de género y su influencia en la toma de decisiones. Kanter (1977) argumenta que la masa crítica dentro de la estructura organizacional permite que las mujeres influyan en la estrategia, generando cambios organizacionales como participantes totalmente comprometidas, y no sólo como representantes simbólicas de la diversidad. Como resultados principales se encontraron que, hay 10 ligas de deporte paralímpico en el Valle del Cauca, en 4 hay presencia femenina en roles de comité eje-

cutivo (auditiva, baloncesto en silla de ruedas, paraatletismo y parálisis cerebral) de las cuales 3 son dirigidas por mujeres (auditiva, baloncesto en silla de ruedas, parálisis cerebral). Las ligas restantes son dirigidas por caballeros y no hay presencia de mujeres en su comité ejecutivo (para-powerlifting, para-natacion, mental, visual, físicos, boccia). Un 80% del total de mujeres encuestadas indican que toman decisiones organizacionales de manera efectiva. Se puede concluir de acuerdo a las categorías planteadas por Kanter (1977), que las implicaciones generadas por las desigualdades y brechas de género en la gobernanza de las organizaciones evaluadas son de mayor inequidad y tensión moral; muestran que el sector tiene un liderazgo masculino con una tendencia hacia grupos equilibrados en la toma de decisiones. El papel de las mujeres en roles de comité ejecutivo y sus acciones en temas de equidad de género requieren de una mayor visibilización y vinculación a la planeación estratégica de las organizaciones.

Palabras clave: Equidad de género; Gobernanza corporativa; Capacidades de la gestión; Principios de gobernanza.

Referencias:

ADRIAANSE, J., 2016. Gender diversity in the governance of sport associations: the Sydney scoreboard global index of participation. *Journal of business ethics*, 137 (1), 149-160. doi:10.1007/s10551-015-2550-3

ADRIAANSE, J.A. and Schofield, T., 2013. Analysing gender dynamics in sport governance: A new regimes-based approach. *Sport management review*, 16 (4), 498-513. doi:10.1016/j.smr.2013.01.006

ADRIAANSE, J.A. and Schofield, T., 2014. The impact of gender quotas on gender equality in sport governance. *Journal of sport management*, 28 (5), 485-497. doi:10.1123/jsm.2013-0108

DOSAL ULLOA, R., Mejía Ciro, M. P., & Capdevila Ortis, L. (2017). Deporte y equidad de género. *Economía Unam*, 14(40), 121-133.

ERAKOVIC, L. and Jackson, B., 2012. Promoting leadership in governance and governance in leadership: towards a supportive research agenda. In: A. Davila, et al., eds. *Understanding organizations in com-*

plex, emergent and uncertain environments. Basingstoke, UK: Palgrave MacMillan, 68–83.

JACKSON, R., & Palmer, R. (2001). Manual de administración deportiva. Comité Olímpico Internacional. Solidaridad Olímpica.

JACKSON, R., & Palmer, R. (2009). Manual de administración deportiva. Comité Olímpico Internacional. Solidaridad Olímpica.

KANTER, R.M., 1977. Some effects of proportions on group life. American journal of sociology, 82 (5), 965–990. doi:10.1086/226425

DE DURKHEIM A RISKALLA: UMA ABORDAGEM SOBRE A COESÃO SOCIAL DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL ATUAL

ESTER LIBERATO PEREIRA

Universidade Estadual de Montes Claros

Este trabalho objetiva identificar possíveis relações entre o conceito sociológico de coesão social e o esporte paralímpico, no Brasil, a partir de dois importantes atores sociais nesses respectivos campos: o sociólogo francês Émile Durkheim e o atleta paralímpico brasileiro Rodolpho Riskalla. Por meio de uma análise documental de obras de Durkheim, aponta-se que esse conceito costuma ser diretamente atrelado ao que se entende como Sociologia Clássica, período que marca a passagem do universo rural para o universo urbano na Europa. Com a industrialização, a maior complexidade do trabalho e a especialização de funções, a coesão social decorre da interdependência dos componentes e partes do sistema, já que cada trabalho contribui com uma parte da produção social. Durkheim tem, portanto, como elemento central, a compreensão da coesão social da sociedade para o indivíduo. Assim, a coesão social é um processo que deve ser trabalhado pelo Estado com fins a assegurar o funcionamento da sociedade. Pensar o esporte paralímpico e coesão social, então, envolve compreender tal esporte enquanto um fato social. Conforme o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base na Pesquisa Nacional de Saúde 2019, 8,4% da população brasileira acima de dois anos tem algum tipo de deficiência. Qual o papel do esporte paralímpico, portanto, em assegurar coesão social para esse grupo em uma sociedade tão excludente como a brasileira? Na última década, pelo menos, o esporte paralímpico brasileiro viveu de grandes resultados esportivos. Mas, a partir dos quadros de medalhas dos Jogos Paralímpi-

cos, o que uma análise cuidadosa pode revelar? Como esses(as) paratletas, enquanto cidadãos(ãs) se sentem? Através de reportagens acerca do cavaleiro Riskalla, identificou-se que este foi destaque, no mês de abril de 2022, da Para Equestrian Digest, revista online da Federação Equestre Internacional (FEI), pela recolocação que teve no mercado de trabalho e pela importância do apoio da empresa em que ele trabalha, na França, que, além de custear e apoiar seu tratamento médico, por ocasião da doença que o condicionou à sua deficiência, ainda proporcionou terapia ocupacional para adaptá-lo fisicamente ao seu ambiente de trabalho. Eis um exemplo de coesão social sobre o qual o Brasil ainda pode/deve avançar consideravelmente: setores da sociedade, que detêm o poder político e econômico, e o Estado atendendo demandas históricas de minorias sociais postas nesta condição.

Palavras-chaves: Émile Durkheim; Rodolpho Riskalla; Coesão social; Esporte Paralímpico; Brasil.

Referências:

ASSESSORIA de Comunicação do Comitê Paralímpico Brasileiro. Rodolpho Riskalla é destaque no site da Federação Internacional de hipismo por recolocação no mercado de trabalho. Comitê Paralímpico Brasileiro. 14/04/2022. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/4043/rodolpho-riskalla-e-destaque-no-site-da-federacao-internacional-de-hipismo-por-recolocacao-no-mercado-de-trabalho>.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da et al. O sentido do esporte para atletas de basquete em cadeiras de rodas: processo de integração social e promoção de saúde. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* [online]. 2014, v. 36, n. 1 [Acessado 24 outubro 2022], p. 123-140. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892014000100009>.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. *A contribuição dos Jogos*

Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. *Revista USP*. São Paulo, n. 108, janeiro/fevereiro/março 2016, p. 87-96.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* [online]. 2009, v. 23, n. 4 [Acessado 23 outubro 2022], p. 365-377. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000400006>.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. *Revista da Educação Física/UEM* [online]. 2012, v. 23, n. 4 [Acessado 22 outubro 2022], p. 515-527. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23.4.14545>.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2013, v. 27, n. 4, p. 583-596.

SANTOS, Tatiana Vasconcelos dos; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; GOMES, Romeu. “Eu esqueço que sou deficiente”: interações e sociabilidade de adolescentes com deficiência física que praticam esportes. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2020, v. 36, n. 2 [Acessado 25 outubro 2022]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00014219>.

DEPORTE COHESIÓN SOCIAL UN PROYECTO DE APROVECHAMIENTO DEL TIEMPO LIBRE

KATHERIN LAURA MOLINA ASTUDILLO
Institución Educativa Alfredo Bonilla Montaña

La educación física en las instituciones educativas de formación Básica y Media en Colombia, tiene competencias específicas de las que solo ella se ocupa tales como: la competencia motriz, competencia expresiva corporal, competencia axiológica corporal las cuales se ocupan de la consolidación de los hábitos básicos del ejercicio de la moral, los valores, el respeto, la higiene corporal, postural y alimentaria; estableciendo especial relación con la actividad física orientada a la salud y la interacción social. Por esta razón el área de Educación Física De la Institución Educativa Alfredo Bonilla Montaña transversaliza la orientación de la asignatura a los jóvenes a través de proyectos con las diferentes áreas del conocimiento direccionando el fomento de las prácticas en un correcto entendimiento mutuo, generando actividades deportivas que adopten los valores olímpicos fundamentales, impulsando a los jóvenes al fomento de la consecución de altos logros y de historias de vida de excelencia, respeto, amistad y transformación social. En este sentido, nos orientamos en los lineamientos del COI centrándonos en la propuesta de promover la participación universal de las personas en el deporte y la actividad física tal como se expresó en la comisión del deporte de 1983, cuando el COI estableció una línea de Deporte para todos, cuya misión consiste en determinar cómo el Movimiento Olímpico podría promover actividades de fomento del ideal que el deporte es un derecho humano para todas las personas, independientemente de su etnia su clase social o su sexo, así como el desarrollo de herramientas educativas adaptadas que motiven y capaciten a los jóvenes a través de las Federaciones Internacionales y los Comités Olímpicos Nacionales. Estrategia educativa: Dicho esto los docentes de la Institución

Educativa Alfredo Bonilla Montaña realizaron un ejercicio de observación en el año 2009 en las diferentes áreas del conocimiento, detectando las dificultades en el acceso al conocimiento de los jóvenes debido a la poca empatía, receptividad y dificultad del trabajo en equipo lo que se evidenciaba en sus relaciones interpersonales a través de la agresividad, indiferencia, intolerancia, falta de cooperación, poca audición, maltrato físico y verbal entre otras conductas disruptivas. Luz Esneda Rodríguez, Bellanira Caicedo, Dixy Suarez, Marlene Carvajal, Carol Ramirez, Nancy Lasso, Maria Judith Guzman, en equipo con Katherin Molina y bajo la Rectoría de Patricia Avendaño Payan diseñaron y validaron un proyecto para que los educandos, puedan jugar, desarrollar su creatividad a través de trabajo colaborativo y proponer reglas que se traducen en las futuras dinámicas de grupo basadas en acuerdos de clase que fomentan los valores olímpicos tales como lo son: No discriminación. El principal propósito de la propuesta al estar establecida en medio de un consejo comunitario, en una población afrodescendiente, es crear líneas efectivas de comunicación en perfecta equidad, manteniendo el fomento de la cultura y la ideología que el deporte debe ser practicado sin ninguna forma de discriminación. Sustentabilidad. Organizando y desarrollando actividades y proyectos de aula de un modo que se promueve el emprendimiento, a través del desarrollo sustentable económico, social cultural manteniendo los valores ancestrales del territorio y ambientales preservando y mejorando el contexto. Humanismo. Las actividades de corte humanista a nivel individual se fijan en ese momento en el desarrollo del ser como prioridad haciendo enlace con la asignatura de proyecto vida años más tarde lo que obedece al Movimiento Olímpico colocado a los educandos en el centro, garantizando que la práctica del deporte permanezca como un derecho fundamental. Universalidad. El deporte es de todos. En todas sus decisiones y acciones, la propuesta asume la recuperación de espacios deportivos, y la instalación de nuevas raíces de tejido social teniendo en cuenta el impacto universal que el deporte puede tener en las personas y la dinamización de la sociedad. Solidaridad. La propuesta se basa en el desarrollo de proyectos de aula que, en conjunto, generan una respuesta social significativa, un aprendizaje positivo y dinamice el proceso de resolución de problemas que ayuda a mejorar la convivencia y su interacción con la comunidad. Alianza entre el deporte, la educación y la cultura. El proyecto se compromete en establecer alianzas con entidades externas gubernamentales y no gubernamentales

para fomentar la consecución de altos logros la promoción de la salud y la prevención de las enfermedades crónicas no transmisibles a través del fomento del espíritu del Olimpismo estableciendo un punto donde convergen el deporte, la cultura y la educación. Abriendo la oportunidad a este proyecto como intento de menguar los problemas de comunicación y violencia entre los estudiantes, algunos niños presentan déficit de atención e hiperactividad, cuyo diagnóstico es posible mencionar debido a que así lo demuestran varias valoraciones médicas recibidas las cuales reposan en los documentos institucionales; de igual forma se presentan casos de niños desplazados, otros con problemas a nivel neurológico (problemas de lenguaje en algunos casos), familias disfuncionales que impiden al niño una interacción y proceso de aprendizaje adecuado, sin dejar como algo menos importante que estos problemas se encontraron en medio de una comunidad afrodescendiente que se veía permeada por el cambio del uso del suelo, la ocupación de un territorio que se asumió ancestral y propio. lo que lleva a la búsqueda de estrategias pedagógicas de enseñanza significativas, positivas y reparadoras. Objetivo general: Fijar en el estudiante a través de actividades lúdico-recreativas el hábito del aprovechamiento del tiempo libre, el respeto y la aplicación de valores olímpicos que faciliten el acceso al conocimiento desde diferentes nichos, su adecuada utilización, mediante talleres lúdicos, deportivos, recreativos y culturales, para el sano esparcimiento de la comunidad educativa y la construcción del conocimiento. Metodología: Para desarrollar los objetivos nos basamos en la teoría del aprendizaje significativo pedagogías positivas y el método de influencia social que se enfoca en la observación de modelos sociales, su análisis, discusión, evaluación de los modelos observados partiendo del trabajo con pequeños grupos de niños, pues esto facilita el intercambio de conocimiento y la producción intergrupala de posibles soluciones al problema. Este método de influencia social se escogió debido a que es una problemática de carencia de valores que trasciende el aula. Así pues, se desarrollaron actividades motivadoras alrededor del eje articulador “Festival de cometas - Eleva tu corazón”, logrando que hubiese grupos de personas trabajando en torno a proyectos con objetivos orientados hacia un bien común, dando vital importancia a los intereses colectivos por encima de los intereses individuales. Para llevar adelante este proceso, se seleccionaron los siguientes ejes articuladores: Mi expresión corpórea; Espacios de aventura; Rescatando tradiciones; Mi produc-

ciónn textual. Ejes interdisciplinarios transversales por áreas. Áreas de conocimiento del medio natural, social y cultural: Actividades destinadas al propio cuidado personal en relación con la alimentación, la higiene, el vestido y los objetos de uso individual; La relación afectiva y social; Sensibilidad y respeto por las costumbres y modos de vida de poblaciones distintas a la propia; Rechazo a las discriminaciones en la organización de actividades grupales por razones étnicas, de sexo, estatus social; Aspectos básicos del tiempo histórico (presente, pasado, futuro, duración, anterior, posterior, simultaneidad, sucesión); Respeto al patrimonio cultural y natural de la comunidad e interés por su mantenimiento y recuperación. Área de Educación Artística: La composición: organización de las formas en el espacio y el tiempo; Exploración sensorial de los distintos elementos del lenguaje visual; Esforzarse por crear formas variadas progresivamente más personales, variando y ensayando nuevas posibilidades expresivas. Área de lenguaje y literatura: Necesidades y situaciones de comunicación oral en el medio habitual de los estudiantes; Formas básicas adecuadas a las diferentes situaciones e intenciones comunicativas; Utilización de las habilidades lingüísticas y no lingüísticas y de reglas propias del intercambio comunicativo en diferentes situaciones; Comprensión y producción de textos orales y escritos atendiendo a las diferentes intenciones y a las características de la situación de comunicación. Área lengua extranjera inglés: Vocabulario (palabras extranjeras relacionadas con juegos y deportes); Aspectos sociales y culturales de los países donde se habla la lengua extranjera estudiada, cercana a los intereses del niño/a (juegos). Área de matemáticas: Sensibilidad e interés por las informaciones y mensajes de naturaleza numérica, apreciando la utilidad de los números en la vida cotidiana; Las unidades de medida; Mediciones con unidades convencionales y no convencionales; Toma de decisiones sobre las unidades e instrumentos de medida más adecuados en cada caso, atendiendo al objeto de la medición; La representación elemental del espacio (plano, mapas, maquetas); Geometría plana y tridimensional (herramienta GeoGebra). Posteriormente se utilizan estos ejes convertidos y redactados en criterios de evaluación individuales y grupales que establecen el tipo y grado de aprendizaje que se espera que los escolares hayan alcanzado con respecto a las capacidades indicadas en los propósitos de la programación. También se espera la reflexión sobre la propia práctica docente y la reinención de esta. Adicionalmente la elaboración de criterios de medición y control permite tener infor-

mación para el proceso de evaluación con datos objetivos y subjetivos del proyecto. Construcción y desarrollo de la convivencia escolar: La transversalización de saberes se implementó en las diferentes asignaturas con la inclusión de materiales lúdicos para enseñar la geometría plana, la producción textual por mencionar algunos ejemplos en matemáticas y lenguaje. Durante el proceso de enseñanza, los docentes notaban que los estudiantes eran reacios y no querían aprender, por consiguiente, surgió la idea de hacerlo por medio de festival de cometas el cual consiste en hacer una cometa en la institución educativa utilizando todo lo aprendido en las diferentes áreas con los elementos de las mismas. En un principio, estas elaboraciones solo eran un croquis, y los estudiantes las hacían siguiendo patrones. Hoy son todo un despliegue de creatividad con los nombres, con los símbolos, formas de los conocimientos construidos en clase. A los estudiantes les encanta hoy por hoy, es un método de erradicación de violencia escolar, fundamentación de procesos de convivencia ya que pueden divertirse, a la misma vez aprender y practicar el ejercicio de los diferentes valores institucionales y olímpicos. Desde el enfoque social en la Institución Educativa Alfredo Bonilla Montaña, ha hecho un intento para que los aprendizajes de los estudiantes se construyan con base en los problemas de la cotidianidad, donde los valores permean la construcción de una conciencia social, buscando el desarrollo del estudiante en la sociedad, para que se adapte a ella y la transforme con una visión permanente de renovación y cambio, de acuerdo con las necesidades del momento. La intención es relacionar los aprendizajes al momento por el que pasa nuestra sociedad; permitiendo la dinamización de los proyectos y propuestas con base en necesidades sociales específicas del contexto en el que se desenvuelven los actores educativos, con participación de todos los integrantes de la comunidad. Según la Unesco (1995), en el ser humano se desarrolla una actitud lúdica que tiene su inicio a temprana edad, en el vientre materno cuando se divierte con el cordón umbilical que lo une a su madre y succiona su dedo cuando se aburre, luego al salir de la calidez de su progenitora se ve impelido a conocer y comprender su medio, para lo cual es fundamental la “actitud lúdica” que le posibilita desde los primeros momentos la capacidad de imaginar, de fantasear a través del juego y posteriormente le permite progresivamente asir el mundo del símbolo, de la metáfora que lleva a los mundos de la poesía, del poder jugar con las palabras, con el lenguaje; así también, la posibilidad, por medio de la imagen, de jugar con el arte

en sus múltiples facetas. Esta construcción de pensamiento complejo hay que mirarlo como construcciones significativas individuales y colectivas, no se puede ver solo desde el punto de vista analítico o lógico, más aún este proceso-resultado no es necesaria ni deseablemente mensurable, su construcción es virtual, no es lineal, es en red, entrelazada con otras facetas del ser. La actitud lúdica lleva al pensamiento divergente al llevar a la búsqueda de resolución de situaciones donde lo risible, diferente tiene cabida en el ámbito juguetero de la correría de posibilidades. Además de su cualidad de darse en el sujeto y a partir de él, permite el uso pedagógico y la interacción con el conocimiento cotidiano que genera la idiosincrasia y costumbres y finalmente la riqueza cultural de las comunidades, lo que permite un ánimo fresco, vital, amable y festivo, que es deseable en nuestros tiempos y más aún en nuestro país. Si como dice Freud, “el juego nace de las imposibilidades del niño de poder satisfacer sus deseos”, entonces lo lúdico se puede presentar para el ser humano como una forma de interactuar con el mundo, entenderlo y hacer posibles sus deseos de manera equilibrada y con la posibilidad de por este medio disipar la incertidumbre y evadir la frustración. En este sentido, lo fundamental en la educación física y la lúdica como palabra generalista sería la actitud la cual hace posible la existencia de la actividad lúdica y el juego y sin la cual no es posible realizarlas en su esencia. La actividad lúdica se ha planteado como modelo de actividad integral desde las doctrinas de Fröebel en 1840 que acuñó el término kindergarten como un sistema de enseñanza fundado en el juego, este sistema de experiencia sensorial y manipulación de los materiales influenció a María Montessori para fomentar la educación de niños por actividades físicas y la experiencia con sus posibilidades de interacción con los sentidos. Todo lo anterior generó posteriormente otras propuestas educativas en este sentido. donde se fomentaba la actividad y la experiencia que brindaba la lúdica. Es hasta nuestros tiempos en donde desde el área de la educación física se empezó a impulsar como algo integral.

Referencias:

WOA Olimpismo. <https://olympians.org/woa/olympism/?langid=3>

BETANCOURT, B. Morris, E., 2010. Diseño organizacional la estructura. De las estructuras verticales a las organizaciones horizontales / Benjamín Betancourth G; Edison Morris G. <https://repositorio.unal>.

edu.co/bitstream/handle/unal/47668/04868267.2014.pdf?sequence=1&isAllowed=y

PÉNATE, L., 2004, Investigación Metodológica. Proyectos interdisciplinarios. \Planeación Pág. 51-54 Revista Magisterio Educación Y Pedagogía. No. 6 <https://www.redalyc.org/pdf/447/44770104.pdf>

RODRÍGUEZ H, Hi | Vallejo, Ingrid Autor] | Guevara, A. Fundamentos de iniciación deportiva escolar, Otro título: Iniciación deportiva escolar | Fundamentos de la iniciación deportiva escolar. Editor: Colombia: Kinesis, 2020

VILLAMARÍN MENZA, Samuel 2006 Formulación de un Plan de desarrollo sectorial del deporte y la recreación para INDERBU http://viref.udea.edu.co/contenido/publicaciones/memorias_expo/gestion/plan_desarrollo.pdf

CHARRIA, L. (2017). Los derechos básicos de aprendizaje y la Narrativa Transmedia, otra forma de aprender en clase de matemáticas. Educación y Ciudad, (33), 87-98. <https://doi.org/10.36737/01230425.v0.n33.2017.1652>

SERNA ‘, A., Pimienta, A., Medina, A., Fonseca, A., Ospina, C., Marroquín, D., Caro, I., Barreto, M., Niño, M., Ministerio de Educación Nacional, Taborda, O., Herrera, O., S. y Universidad de Antioquia (2016). Derechos básicos de Aprendizaje (DBA) grado Transición v.1. Bogotá, Colombia: Ministerio de Educación Nacional de Colombia <https://santillana.com.co/documentos-de-interes/>

MEDINA, A., Giraldo, C., Martínez, D., Duque, I., Restrepo, J., Cuartas, L., Jiménez, M., Alzate, M., Martínez , A, Furman, M., Ministerio de Educación Nacional, Henao, S., Universidad de Antioquia, Arias Gil, V. y Aguilar, Y. (2016). Derechos básicos de Aprendizaje (DBA) Ciencias Naturales v.1. Bogotá, Colombia: Ministerio de Educación Nacional de Colombia https://www.colombiaaprende.edu.co/sites/default/files/files_public/2022-06/DBA_C.Naturales-min.pdf

AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO EM SAÚDE MENTAL PARA ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS RUMO A PARIS 2024

FERNANDA TORRES FAGGIANI¹

ALINE ARIAS WOLFF²

HÉLIO FÁDEL²

LAURA DE OLIVEIRA NEUHAUS¹

BIANCA MILAN¹

LAURA DE MENEZES SALGADO¹

ALESSANDRA MARIA SCARTON¹

LUIS EDUARDO WEARICK- SILVA¹

¹*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

²*Comitê Olímpico do Brasil (COB)*

Devido ao alto nível de dedicação dos atletas de alto rendimento que estão inseridos em ambientes competitivos, caracterizados pela grande pressão e exigência por perfeccionismo, faz-se necessário um olhar atento sobre a saúde mental destes sujeitos. Visando avaliar a saúde mental dos atletas de elite, um grupo de pesquisadores do Comitê Olímpico Internacional (COI) desenvolveu a bateria Sport Mental Health Assessment Tool 1 (SMHAT-1), que identifica e avalia atletas que estão em risco de desenvolver algum transtorno mental. Primeiramente, o atleta preenche um questionário de triagem (APSQ) e caso apresente uma pontuação final ≥ 17 estaria em risco para algum transtorno mental. A partir disso, realiza o restante da bateria que é composta por 6 formulários que avaliam aspectos de: ansiedade, depressão, sono, uso de álcool, uso de outras drogas e transtornos alimentares. O instrumento foi traduzido e está sendo validado para a aplicação em atletas brasileiros. Este trabalho visa

apresentar os resultados preliminares obtidos em atletas brasileiros. Com a parceria do Laboratório de Preparação Mental do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), foram obtidas até o presente momento 77 respostas, sendo 33 de atletas masculinos e 44 do sexo feminino. Os atletas foram separados por categorias de esportes: 6 atletas de esportes coletivos, 5 atletas de resistência/longa distância, 8 atletas de média distância/potência, 11 atletas de velocidade/ força, 31 atletas de precisão, 10 atletas de raquete, e 6 atletas de combate. Os atletas também são classificados em relação ao seu nível de performance, agrupados em: atletas de nível nacional (5), atletas de nível internacional/elite (39) e também atletas de nível World Class (33). Em relação ao instrumento de triagem 65 (84,4%) dos atletas pontuaram acima do ponto de corte. O número de atletas que apresentaram scores acima da média para ansiedade foi de 13 (16,8%), 15 (19,4%) para depressão, 2 (2,5%) para distúrbios de sono, 10 (12,9%) para uso de álcool, 2 (2,5%) para uso de drogas e 7 (9%) para transtornos alimentares. Em parceria com o COB, este estudo atinge uma abrangência nacional, que irá difundir a importância do cuidado com a saúde mental de atletas brasileiros e, a partir destes dados, serão elaboradas estratégias para ampla identificação, avaliação e manejo de atletas que estão em risco para transtornos mentais.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; Saúde Mental; Transtornos Mentais; Alto Rendimento.

Referências:

Baron DA, Reardon CL, Baron SH. Clinical Sports Psychiatry: An International Perspective. Clinical Sports Psychiatry: An International Perspective. 2013.

Bender AM, Lawson D, Werthner P, Samuels CH. The Clinical Validation of the Athlete Sleep Screening Questionnaire: an Instrument to Identify Athletes that Need Further Sleep Assessment. Sport Med - Open. 2018.

Brown RL, Leonard T, Saunders LA, Papasouliotis O. The prevalence and detection of substance use disorders among inpatients ages 18 to 49: An opportunity for prevention. Prev Med (Baltim). 1998.

De Lima Osório F, Vilela Mendes A, Crippa JA, Loureiro SR. Study of the discriminative validity of the phq-9 and phq-2 in a sample of Brazilian women in the context of primary health care. *Perspect Psychiatr Care*. 2009.

Doherty S, Hannigan B, Campbell MJ. The experience of depression during the careers of elite male athletes. *Front Psychol*. 2016.

Gjersing L, Caplehorn JR, Clausen T. Cross-cultural adaptation of research instruments: Language, setting, time and statistical considerations. *BMC Med Res Methodol*. 2010.

Glaesmer H, Romppel M, Brähler E, Hinz A, Maercker A. Adjustment disorder as proposed for ICD-11: Dimensionality and symptom differentiation. *Psychiatry Res*. 2015.

Gorczynski PF, Coyle M, Gibson K. Depressive symptoms in high-performance athletes and non-athletes: A comparative meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*. 2017.

Gouttebauge V, Bindra A, Blauwet C, Campriani N, Currie A, Engbretsen L, et al. International Olympic Committee (IOC) Sport Mental Health Assessment Tool 1 (SMHAT-1) and Sport Mental Health Recognition Tool 1 (SMHRT-1): Towards better support of athletes' mental health. *Br J Sports Med*. 2021.

Gouttebauge V, Castaldelli-Maia JM, Gorczynski P, Hainline B, Hitchcock ME, Kerkhoffs GM, et al. Occurrence of mental health symptoms and disorders in current and former elite athletes: A systematic review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*. 2019.

Hughes L, Leavey G. Setting the bar: Athletes and vulnerability to mental illness. *British Journal of Psychiatry*. 2012.

Jones CM, Tenenbaum G. Adjustment disorder: A new way of conceptualizing the overtraining syndrome. *Int Rev Sport Exerc Psychol*. 2009.

Martinsen M, Pensgaard AM, Torstvei MK, Sundgot-Borgen J. The Development of the Brief Eating Disorder in Athletes Questionnaire (BEDA-Q). *Med Sci Sport Exerc*. 2014.

Mellalieu SD, Neil R, Hanton S, Fletcher D. Competition stress in sport performers: Stressors experienced in the competition environment. *J Sports Sci*. 2009.

Moesch K, Kenttä G, Kleinert J, Quignon-Fleuret C, Cecil S, Bertollo M. FEPSAC position statement: Mental health disorders in elite athletes and models of service provision. *Psychology of Sport and Exercise*. 2018.

Moreno AL, Desousa DA, De Souza AMFLP, Manfro GG, Salum GA, Koller SH, et al. Factor structure, reliability, and item parameters of the Brazilian-Portuguese version of the GAD-7 questionnaire. *Temas em Psicol*. 2016.

O'Brien KS, Blackie JM, Hunter JA. Hazardous drinking in elite New Zealand sportspeople. *Alcohol Alcohol*. 2005.

Reardon CL, Hainline B, Aron CM, Baron D, Baum AL, Bindra A, et al. Mental health in elite athletes: International Olympic Committee consensus statement (2019). *British Journal of Sports Medicine*. 2019.

Rice SM, Parker AG, Mawren D, Clifton P, Harcourt P, Lloyd M, et al. Preliminary psychometric validation of a brief screening tool for athlete mental health among male elite athletes: the Athlete Psychological Strain Questionnaire. *Int J Sport Exerc Psychol*. 2020.

Santos WS, Gouveia V V, Fernandes DP, Souza SSB, Grangeiro ASM. Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT): explorando seus parâmetros psicométricos. *J Bras Psiquiatr*. 2012.

Sarkar M, Fletcher D. Psychological resilience in sport performers: a review of stressors and protective factors. *J Sports Sci*. 2014.

Schuring N, Kerkhoffs G, Gray J, Gouttebarga V. The mental wellbeing of current and retired professional cricketers: an observational prospective cohort study. *Phys Sportsmed*. 2017.

Sebbens J, Hassmén P, Crisp D, Wensley K. Mental Health In Sport (MHS): Improving the early intervention knowledge and confidence of elite sport staff. *Front Psychol*. 2016.

DESAFIOS PARA UMA PSICOLOGIA DO ESPORTE

RENATO MIRANDA

Universidade Federal de Juiz de Fora

A dimensão psicológica como elemento do treinamento esportivo está em constante movimento a fim de avançar em campos variados de atuação e permitir, com isso, o desenvolvimento do desempenho atlético, particularmente àqueles que dedicam grande parte de suas vidas ao treinamento olímpico. A exigência atual do esporte é a pressão geral (psicofísica) constante por resultados rápidos, visto que as competições se sucedem anualmente em uma quantidade e velocidade cada vez maiores. Assim sendo um dos desafios para atletas e profissionais de várias áreas de atuação é proporcionar o aumento de habilidades psicofísicas para que o atleta enfrente tal exigência de forma saudável e com expectativas promissoras de desempenho. Nesse cenário surge o seguinte problema (CSIKSZENTMIHALYI, 1990; 1997; MIRANDA, 2018): raramente o atleta fica centrado no presente porque está muito aflito e impaciente por aquilo que está por vir. Em extensão, profissionais e atletas olímpicos notadamente têm a consciência e autoavaliação de que a atenção dispensada no processo de realização de tarefas, em especial nos treinamentos e competições, não será suficiente para o sucesso. Resultado: dúvidas e desilusão! Qual seria a saída para o enfrentamento dessa realidade no esporte olímpico? Resposta objetiva: O atleta manter total concentração em uma única tarefa a ponto de transcendê-la (CSIKSZENTMIHALYI, 1993, 1997; JACKSON & CSIKSZENTMIHALYI, 2002; MIRANDA, 2018). Em seguida, surge outra pergunta: Como transcender a concentração? Resposta objetiva: Montando o cenário para a percepção ou sentimento de fluidez, ou em outras palavras, simplesmente fluindo! Esse sentimento de fluidez é proposto pela teoria preconizada por Mihaly Csikszentmihalyi (principalmente a partir das últimas 3 décadas), com denominação de 'flow feeling' ou simplesmente 'Flow', como essa teoria ficou consagrada em inglês. Em última análise, enfrentar a pressão geral (psicofísica) no esporte olímpico requer em um primeiro momento - considerando a

teoria do 'flow', fluxo em português, criar um cenário para um estado mental cuja percepção do atleta é de que há uma fusão entre ação e atenção, perda da autoconsciência e perda da noção do tempo. Tais dimensões (CSIKSZENTMIHALYI,1990; MIRANDA,2018) são consideradas especiais na teoria do 'Fluxo', pois sintetizam as outras demais dimensões aqui não relacionadas. Fusão entre ação e atenção no esporte é quando o atleta executa movimentos sofisticados e complexos, particularmente sob pressão (resultados, desempenhos, expectativas gerais etc.), com precisão e, ao mesmo tempo, ele mesmo demonstra 'certa facilidade' ou 'naturalidade', que expressa um nível de concentração de magnitude elevada e harmoniosa em relação ao esforço, à execução e ao resultado da tarefa, de modo que a ação do atleta é percebida como se fosse um 'prolongamento' ou 'parte, de seu corpo. Ação e atenção não são percebidas pelo atleta como algo diferente e, portanto, ele faz o que tem que ser feito, sem questionamentos, vacilo ou medo de errar. Há uma sintonia altamente precisa entre o atleta e a atividade, de modo a controlar os focos principais da ação e ao mesmo tempo outros registros de informação disponíveis também são controlados. Além disso, mesmo que a situação esportiva se apresente como algo complexo e com alto grau de exigência emocional, como tensões, pressões, ansiedade e outras, o atleta em fluxo consegue colocar as coisas em ordem e equacionar seus pensamentos e emoções plenamente com o objetivo de realizar tarefas de alta complexidade. A fusão entre ação e atenção promove a transcendência da concentração, com envolvimento completo e controle das ações e motivação intensa. Talvez isso explique a habilidade que atletas olímpicos de alto nível têm de controlar várias situações (previsíveis e imprevisíveis) e ao mesmo tempo realizar movimentos incríveis, com resultados que encantam as pessoas e faz desses movimentos aquilo que se convencionou chamar de beleza! Por outro lado, essa dimensão potencializa a percepção de controle do atleta permitindo que o mesmo tenha sentimentos positivos em um ambiente de incertezas, pois sabe-se que o esporte não produz resultados seguros. Ademais, no esporte não há possibilidades de desenvolvimento sem correr riscos. Em Jackson & Csikszentmihalyi (2002) e Miranda (2018), um usufruto que o atleta percebe ao fluir, que é identificado na dimensão acima, é transformar momentos de pressão como algo natural, não se permitindo ficar demasiado tenso. Ao contrário, o atleta vivenciará a experiência competitiva com sentimentos de poder, confiança e calma. Afinal, o atleta olímpico em

sua atuação, tende a estar, nas palavras de Jackson & Csikszentmihalyi (2002), frequentemente no 'fio da navalha'. Lembre-se: o esporte é uma atividade que raramente oferece resultados seguros. Perda da autoconsciência é fundamental para facilitar a transcendência da atenção, pois ao esquecer a parte da consciência que questiona e incita dúvidas sobre o atleta mesmo, a mente estará totalmente envolvida na realização da tarefa sem preocupações e tensões que prejudicam a capacidade de pensar. A perda da autoconsciência, portanto, está relativamente ligada àquilo que preocupa o atleta, como ele é avaliado pelas outras pessoas, ou como o atleta está sendo mostrado e se comportando perante as demais pessoas envolvidas no esporte (competição e treinamentos): mídia, torcida, técnicos, colegas, adversários, família e outros). Noutro sentido, a consciência (controle!) daquilo que tem de ser feito na ação esportiva é tão intensa que não há dúvidas sobre as possibilidades de êxito. Em outras palavras, não há consciência (pensamentos, preocupações) com o ego. Ou seja, como ele, o atleta, se percebe em relação aos outros e como este mesmo atleta projeta as avaliações externas. Essa perda da autoconsciência relativa ao ego dá origem há uma despreocupação consigo mesmo, em relação: aos elogios, às críticas, expectativas, aparência física, etc. Ou seja, há uma despreocupação com o SER social. O que importa é a tarefa (ação!). Portanto, a atenção do atleta está totalmente imersa na atividade, a permitir que o mesmo fique totalmente absorto em suas tomadas de decisões e ações. Liberar a consciência de si mesmo (ego) providencia ao atleta se envolver completamente na atividade, saber o que fazer a cada instante, identificar sutilezas relevantes da ação e perceber a atividade como algo pouco exigente em termos de esforço, embora a atividade mesma seja desgastante. Em consequência, o atleta irá usufruir de intensa concentração e motivação. Perder a consciência de si mesmo, ao menos por pouco tempo, é o que acontece com nossa mente ao fluir e nos liberta de nós mesmos (CSIKSZENTMIHALYI, 1997; MIRANDA, 2013). Liberdade das preocupações, percepções das avaliações externas, comportamento social (modismos), expectativas demasiadas, tensões e outros fatores que geram ansiedade, distração, medo e incapacidade. A perda da noção do tempo é uma evidente característica de fluxo ('flow-feeling'), ela significa que quando o atleta flui, o tempo tal como ele é medido de modo absoluto pelo relógio ou cronômetro tem pouco significado. Isso quer dizer que quando o atleta está fluindo tem o corpo e movimentos sob

seu controle absoluto e tempo espaço tomam diferentes dimensões. Ainda pode-se dizer que o atleta tem a percepção modificada tal como o tempo passa: o que importa é o ritmo ditado pela atividade (JACKSON & CSIKSZENTMIHALYI, 2002, MIRANDA, 2013; 2018). Quando um atleta olímpico de maratona, por exemplo, está fluindo ele pode perceber a duração da prova muito mais rápida do que sua real duração. É como se as horas passassem como minutos e os minutos como segundos. Por outro lado, a percepção do tempo pode ser oposta, ou seja, em uma prova de 100 metros no atletismo, para o atleta que flui, a percepção do tempo é como se a prova passasse lentamente. No estado mental de fluidez, a percepção da passagem do tempo se transforma em função da concentração totalmente absorvida na execução da tarefa. Ter tempo para pensar naquilo que tem que ser feito precisamente, mesmo em atividades muito rápidas, é um dos modos com que os atletas descrevem tal percepção alterada do tempo (JACKSON & CSIKSZENTMIHALYI, 2002). A perda do sentido real do tempo pode ser verificada quando o atleta flui profundamente, tem concentração total e fica completamente absorvido por aquilo que está sendo feito (ação esportiva!). Além disso, há uma clara percepção de que o tempo passa em um ritmo diferente. Quando o atleta exercita sua criatividade, concentração, espontaneidade, suas habilidades estão harmonizadas com os desafios das atividades, com muita motivação intrínseca, há um cenário favorável para a vivência do fluxo. Como o atleta olímpico está sob pressão constantemente, seja em função do comprometimento com treinamentos ou em permanente expectativa que algo aconteça como resultado de seus esforços, chega-se à conclusão que o tempo é uma carga que impede o atleta de ficar totalmente absorto (concentração absoluta) naquilo que tem de ser feito ou está a fazer. Por outro lado, quando o atleta flui, ele fica livre dessa pressão cotidiana e consegue usufruir naquilo que ele tem de melhor: habilidades advindas de seu talento! No esporte olímpico a qualidade da rotina do atleta, com exigências compatíveis com as habilidades e as possibilidades reais de desenvolvimento progressivo, forma a estrutura básica para que a percepção da passagem do tempo não seja algo convencionalmente medido, mas percebido pelo usufruto da atividade; com satisfação e alegria, mesmo que a experiência exija grandes esforços. Em última análise, pode-se dizer que não é possível o atleta fluir no momento e na intensidade que se deseje, mas é possível preparar um cenário que favoreça uma experiência de fluxo, por meio de treinamentos de

qualidade que permitam o atleta entregar-se ao desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas, e psicológicas – cognitivas e emocionais. Além disso, em um sistema de treinamento de alto nível o atleta disponibilizará energia primorosa às atividades, tornando desafios em experiências positivas para transformação, desenvolvimento e liberdade para fluir. O atleta, então, conviverá com as pressões naturais do esporte moderno de produzir resultados rápidos e se relacionará harmonicamente com o fato de ser avaliado pública e sumariamente por todos aqueles que o assistem.

Palavras-chaves: Fluxo; Ação; Atenção; Consciência; Esporte.

Referências:

CSIKSZENTMIHALYI, M. Flow: the psychology of optimal experience. New York: Harper Perennial, 1990.

_____. The envolving self: a psychology for the third millennium. New York: Harper Perennial, 1993.

_____. Finding Flow: the psychology of engagement with everyday life. New York: Basic Books, 1997.

JACKSON, S. A.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Flow in Sports: the Keys to optimal experiences and performances. Champaing: Human Kinetics, 2002.

MIRANDA, R. Reflexões do esporte para o desempenho humano. Curitiba: CRV, 2013.

_____. Fluxo e comportamento humano: uma psicologia para o esporte. Juiz de Fora: Editar, 2018.

PARTE II
RESUMOS
DE TRABALHOS
APRESENTADOS

PROGRAMA ESPORTIVO DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA E INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: APROXIMAÇÕES CONSTATADAS

LEONARDO PEROVANO-CAMARGO¹

THAISE RAMOS VARNIER¹

LEONARDO JOSÉ MATARUNA DOS SANTOS²

OTÁVIO GUIMARÃES TAVARES DA SILVA¹

¹*Universidade Federal do Espírito Santo*

²*Canadian University Dubai*

Introdução: o esporte tem sido utilizado como ferramenta de educação em valores, com o discurso de que pode ser capaz de propor transformações positivas na vida de crianças e adolescentes. Uma série de iniciativas de intervenção social se utiliza do esporte como ferramenta para alcançar a inclusão social, entre outros objetivos sociais. Antunes definiu estas iniciativas de intervenção social como “Projetos Esportivos de Caráter Social” (PECS). Alguns programas têm adotado os valores do Movimento Olímpico como referência para o desenvolvimento de seus objetivos. Essas operacionalizações são genericamente conhecidas como “Educação Olímpica”. Objetivo: este estudo tem como objetivo verificar indícios de inclusão social dos participantes de um PECS de Educação Olímpica. Metodologia: a metodologia escolhida é a de métodos mistos, buscando compreender o fenômeno da relação entre o PECS, os temas educacionais do Olimpismo, e os significados percebidos pelos seus ex-participantes. A pesquisa de tipo ex-post facto se propõe a analisar o resultado da coleta de dados quantitativos os relacionando com os dados qualitativos de um grupo focal randomizado. Resultados: após serem avaliados os cruzamentos entre cada uma das caracterizações (gênero, etnia, classe social, modalidade esportiva e tempo no programa) e as assertivas do estudo, observou-se que o gênero foi significativo em relação às habilidades e capacidades para a vida - ques-

tão 16 (p-valor=0,05). A etnia e a modalidade esportiva que participou não demonstraram ter influência como caracterização com nenhuma das assertivas, apesar de a renda ter sido significativa na relação com etnia na questão 7. A renda foi significativa nas questões: 6 - relações entre gêneros (p-valor=0,03), 7 - relações entre etnias (p-valor =0,05), 14 - auto-organização e disciplina (p-valor=0,03), 16 - habilidades e capacidades para a vida (p-valor =0,03), 19 - decisões comunitárias (p-valor=0,01) e 20 - liderança comunitária (p-valor=0,08). E o tempo de participação no programa foi influente nas questões: 12 - aprender coisas novas (p-valor=0,05), 16 - habilidades e capacidades para a vida (p-valor=0,02) e 17 - capacidades de decisão (p-valor=0,02). Considerações Finais: pode-se perceber que há indícios semióticos, de significado produzido pelos egressos, que houve mudanças maiores ou menores, mas percebidas como positivas, nas quatro dimensões da inclusão social através do esporte, que é utilizada como referência teórica.

Palavras-chave: Pedagogia do Esporte; Desenvolvimento Humano; Trajetórias de Vida.

Referências:

ANTUNES, Scheila Espindola. Projetos esportivos de caráter social - um estudo de caso com jovens em conflito com a lei. Orientador: Otávio Guimarães Tavares da Silva. 2019. 185 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

BAILEY, Richard Bailey. Evaluating the relationship between physical education, sport and social inclusion. *Educational Review*, 57:1, 71-90, 2005.

BINDER, Deanna L. Olympic values education: evolution of a pedagogy. *Educational Review*. p. 275-302, 2012.

BRANTINGHAM, P. J.; FAUST, F. L. A conceptual model of crime prevention. *Crime & Delinquency*, 22(3), 284-296. 1976.

CARR, David. What moral educational significance has physical education? A question in need of disambiguation. In: MCNAMEE, Mike; PARRY, Jim. *Ethics and Sport*. London: E&FN Spon, 1998.

DONNELLY, P. Approaches to Social Inequality in the Sociology of Sport. *Quest*. p. 221-242. 1996.

NICHOLS, Geoff. Sport and crime reduction: the role of sports in tackling youth crime. Londres: Routledge, 2007.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 2003.

PEROVANO-CAMARGO, L.; MATARUNA-DOS-SANTOS, L.J.; TAVARES, O. Sport, Olympic educational values and social inclusion: Possible approaches. *Journal of Human Sport and Exercise*, 16, S74-S83. Universidad de Alicante: 2021.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SPORTSFIT: UMA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA ORIENTAÇÃO DE TALENTOS ESPORTIVOS

FRANCISCO ZACARON WERNECK¹

EMERSON FILIPINO COELHO¹

¹*Universidade Federal de Ouro Preto*

A motivação para os esportes – o que as crianças gostam de fazer – e a competência percebida – como elas percebem as suas capacidades e habilidades – são pilares fundamentais para uma maior adesão na iniciação esportiva. O esporte deve ser prazeroso e as crianças precisam ser ouvidas. O objetivo deste estudo foi criar um sistema inteligente denominado SportsFit com a finalidade de estimar o potencial atlético percebido de crianças e adolescentes para diferentes modalidades, que auxilie as crianças a descobrirem qual é o esporte mais compatível com os seus interesses e competências. O SportsFit é uma ferramenta de orientação de talentos, desenvolvida pelo Projeto Atletas de Ouro®. Em uma plataforma digital, o avaliado informa a sua preferência esportiva, escolhendo até dois esportes preferidos. Em seguida, para avaliar a competência atlética percebida, o avaliado deve classificar em uma escala Likert, de 1-Fraco a 5- Excelente: a) o seu desempenho esportivo atual; b) o seu desempenho esportivo em comparação com outros alunos-atletas que disputam competições com ele. Por fim, o avaliado deve fazer uma auto avaliação em relação as seguintes capacidades e habilidades: flexibilidade, percepção e tomada de decisão, força e potência de membros inferiores, velocidade, resistência aeróbica, equilíbrio, habilidades aquáticas, força e potência de membros superiores, habilidade com bola com os pés, coordenação motora, habilidades com raquete, agilidade, habilidade com bola com as mãos, habilidades rítmicas e de expressão corporal e pontaria. Por meio de um modelo matemático, o sistema calcula o potencial das crianças para 14 modalidades esportivas, em uma escala de 0 a 100

pontos. Quanto mais próximo de 100, maior é a compatibilidade entre o interesse e a competência percebida da criança para determinado esporte. O SportsFit foi criado a partir de uma base de dados de 650 escolares de ambos os sexos de 10 a 17 anos e apresentou resultados psicométricos satisfatórios em termos de validade de construto, validade concorrente e validade preditiva. O SportsFit, portanto, é uma inovação tecnológica que possibilita um feedback individualizado e imediato para crianças e adolescentes em relação ao seu potencial para diferentes modalidades esportivas e pode ser utilizado em escola e/ou clubes pelos professores de Educação Física como primeiro passo na identificação do potencial atlético dos alunos-atletas e para a orientação esportiva adequada, visando uma prática esportiva de qualidade e de longo prazo.

Palavras-chave: Talento esportivo; Sistemas Especialistas; Modelagem Estatística; Competência Percebida.

Referências:

HOHMANN A, SIENER M, HE R. Prognostic validity of talent orientation in soccer. *German Journal of Exercise and Sport Research*, 48:478-488, 2018.

PAPIC V, ROGULI JN, PLEŠTINA V. Identification of sport talents using a web-oriented expert system with a fuzzy module. *Expert Systems with Applications*, 36(5): 8830-8838, 2009.

WERNECK FZ, COELHO EF. Pré-Startup Atletas de Ouro: um Novo Modelo de Ecossistema para Identificação de Talentos. MIRAGAYA, Ana. et al. (Orgs). *Tecnologia, Inovações e Startups no Esporte - Agenda Olímpica 2020 na Prática*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2020.

WERNECK FZ, COELHO EF, MIRANDA L. Projeto Atletas de Ouro®: Uma inovação na detecção de talentos esportivos. *E-Legis*, 15: 89-104, 2022. DOI: 10.51206/elegis.v15iEspecial.805.

WERNECK FZ et al. Sistema Atletas de Ouro - Modelagem do Potencial Esportivo. In: WERNECK, FZ, COELHO EC, FERREIRA RM (Orgs). *Manual do Jovem Atleta: Da Escola ao Alto Rendimento*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

PERSPECTIVA FILOSÓFICA DO OLIMPISMO

ARTUR MAGOGA CARDOZO^{1,2}

ALESSANDRA MARIA SCARTON^{1,2}

NELSON SCHNEIDER TODT^{1,2}

FERNANDO FONTOURA²

DIEGO BITTENCOURT^{1,2}

WILLIAM FERREIRA DE OLIVEIRA²

FABIANA LÍRIO²

TIAGO MACHADO DA COSTA²

¹*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

²*Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS*

Os escritos de Pierre de Coubertin sobre a Filosofia Olímpica, hoje nomeada de Olimpismo, fundamentam de forma plural e não sistemática os ideais de desenvolvimento humano que o criador dos Jogos Olímpicos modernos concebeu junto à prática esportiva e ao Movimento Olímpico. Sendo assim, Pierre de Coubertin manifesta nestas palavras perspectivas políticas, éticas e filosóficas como fundamento do Olimpismo em seu objetivo formativo/educacional. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa tem como objetivo geral: definir uma perspectiva filosófica de unidade para o Olimpismo. E como específicos: (i) identificar a proposta Ética da Filosofia Olímpica; (ii) verificar, dentro de uma educação para a paz, quais teorias filosóficas poderiam apoiar os objetivos e propostas do Olimpismo; (iii) analisar, na visão política da paz e da harmonia entre os povos, qual a teoria política abrangente está defendendo o Olimpismo. A metodologia implementada é de análise documental, tanto dos escritos originais de Pierre de Coubertin e de pesquisadores sobre o Olimpismo, quanto da parte filosófica em apoio à perspectiva do Olimpismo. Os documentos analisados e pesquisados têm suas fontes no site oficial do Comitê Internacional Pierre de Coubertin, dos Comitês Pierre de Coubertin Nacionais e da Biblioteca Olímpica Mundial. No âmbito da filosofia, os documentos analisados são buscados em bibliotecas universitárias ou em sites oficiais sobre filosofia do esporte ou afins. Como resultados parciais tem-se (i) definido a proposta ética do Olimpismo à luz da “ética das virtudes”, sobretudo,

em Aristóteles; (ii) propõe-se uma análise da Educação para a Paz de Coubertin em relação às Filosofias da Educação que visam a educação do caráter, sobretudo com Sêneca, bem como, o Cosmopolitismo Estoico; (iii) como visão política de paz e harmonia, propõe-se uma análise comparativa entre os escritos de Coubertin e À Paz Perpétua, de Immanuel Kant. A pesquisa está em andamento para resultados mais aprofundados e produção de artigos científicos.

Palavras-chave: Educação; Virtudes; Coubertin; Filosofia; Olimpismo.

Referências:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini: 4ª ed. São Paulo. Edipro, 2014

DURRY, J. *Pierre de Coubertin: o visionário*. Trad. Katharine Akyer, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

HOOFT, S. *Ética da Virtude*. Trad. Fábio Creder, Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

MCNAMEE, M.; PARRY, J. (2012): Olympic Ethics and Philosophy: Old Wine in New Bottles, *Sport, Ethics and Philosophy*, 6:2, 103-107.

MÜLLER, N; DÍAZ, D. P. (eds). *Pierre de Coubertin: Olimpismo – selección de textos*. Trad. José Antônio Millán Alba e Daniel Poyán Rubow, Lausana: Schors, 2011.

NUSSBAUM, M. Education for Citizenship in an Era of Global Connection. *Studies in Philosophy and Education* 21, p. 289-303 (2002). <https://doi.org/10.1023/A:1019837105053>

NUSSBAUM, M. *Cultivating Humanity: A Classical Defense of Reform in Liberal Education*, Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press. (1998)

NUSSBAUM, M. C. Kant and Stoic Cosmopolitanism. *Journal of Political Philosophy*, 5(1), 1-25. (1997). <https://doi.org/10.1111/1467-9760.00021>

SÊNECA. L.A. Cartas a Lucílio. Trad. J.A. Segurado e Campos. 2ª ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2004

ZINGANO, M. As virtudes Morais. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2013.

A ÁFRICA NO MOVIMENTO OLÍMPICO ANTES DA DESCOLONIZAÇÃO (1894-1940)

CARLOS EUGÊNIO DA SILVA NEGREIROS^{1,3}

RENATO VIANA BOY²

¹*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

²*Universidade Federal da Fronteira Sul*

³*Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS*

Em 1896, enquanto as potências europeias recortavam o mapa da África, realizava-se a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (JOs). Ao longo dos anos, à medida que o domínio europeu se expandia no continente africano, os JOs também passavam por um processo de crescimento e consolidação no cenário esportivo mundial, em parte graças à infraestrutura política e material do sistema colonial, visto que seus principais representantes, Inglaterra e França, também patrocinavam o nascente projeto olímpico. Nessa perspectiva, o objetivo geral é compreender como foi a participação no Movimento Olímpico das colônias europeias na África entre os anos de 1894 (criação do MO) e 1940 (interrupção pela Segunda Guerra Mundial), isto é, antes do processo de descolonização do continente. Os objetivos específicos sendo estudados são: retratar Pierre de Coubertin enquanto homem de seu tempo, criador dos JOs e presidente do Comitê Olímpico Internacional, analisando seu discurso sobre os temas África e colonialismo; analisar o período de 1894 a 1916, focando nas participações africanas e conquista de medalhas até a interrupção em 1916, por causa da Primeira Guerra Mundial; analisar a década de 1920, com a disputa ideológica e de poder entre os impérios coloniais europeus e o COI pela instituição dos Jogos Africanos; analisar o período de 1932 a 1940, com a participação africana nos JOs durante a ascensão do fascismo na Europa, até a interrupção dos JOs por causa da Segunda Guerra Mundial. Para isso, o corpus documental a ser estudado compõe-se dos Relatórios Oficiais dos JOs de Atenas 1896 a Tóquio 1940 (que não foram realizados); edições da *Olympic Review*, a revista oficial do COI; e escritos de Coubertin reunidos pelo Comité International Pierre de

Coubertin (CIPC). Para o referencial teórico, conceitos como Imperialismo e imperialismo cultural; raça e racismo científico; e Olimpismo e universalismo estão contribuindo para a realização do estudo. Essa pesquisa está em fase inicial, cuja coleta de dados identificou, até o momento, a participação de atletas da África do Sul, Argélia, Egito e Rodésia no recorte cronológico. Se os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais, como resultados preliminares, temos que Coubertin assimilou o contexto que o cercava, fosse ele cultural, geográfico, histórico, político ou social, reproduzindo-o no MO, o que contrastava o universalismo da ideia olímpica com a defesa do sistema racial colonialista.

Palavras-chave: Imperialismo; África; Coubertin; Movimento Olímpico.

Referências:

AUGER, Fabrice. The African Games: an IOC's colonial modernisation - 1920 - 1930. *Journal of Olympic History: Citius, Altius, Fortius*, Londres, v. 1, n. 14, p. 15-23, março 2006.

BOAHEN, Albert Adu (ed.). *História Geral da África - VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 30. p. 920-950.

CHARITAS, Pascal. Imperialisms in the Olympics of the Colonization in the Postcolonization: Africa into the International Olympic Committee, 1910-1965. *The International Journal of the History of Sport*, [s. l.], v. 32, n. 7, p. 909-922, 2015.

CHATZIEFSTATHIOU, Dikaia et al. Cultural Imperialism and the Diffusion of Olympic Sport in Africa: Comparison of Pre- and Post-Second World War Contexts. In: REN, Hai et al, (ed.). *Olympic Studies Reader: A Multidisciplinary and Multicultural Research Guide*. Beijing: Beijing Sport University Press, 2009. p. 111-128.

FERREIRA JÚNIOR, Neilton. Colonisation Sportive: laboratório da “simbiose” racismo e esporte moderno. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 13, p. 73-98, Dezembro 2021.

GUTTMANN, Allen. *Games and Empires: modern sports and cultural imperialism*. Nova Iorque: Columbia University, 1994.

HOBERTMAN, John. Toward a Theory of Olympic Internationalism. *Journal of Sport History*, Illinois, v. 22, n. 1, p. 1-37, Primavera 1995.

SCHANTZ, Otto J.. Pierre de Coubertin's Concepts of Race, Nation, and Civilization. In: BROWNELL, Susan (ed.). *The 1904 Anthropology Days and Olympic Games: Sport, Race and American Imperialism*. Lincoln: University of Nebraska, 2008. Cap. 3. p. 156-188.

STODDART, Brian. Sport, Cultural Imperialism, and Colonial Response in the British Empire. *Comparative Studies In Society And History*, Cambridge, v. 30, n. 4, p. 649-673, out. 1988.

VAN DER MERWE, Floris J.G. Africa's First Encounter with the Olympic Games in 1904. *Journal of Olympic History: Citius, Altius, Fortius*. Londres, v. 7, ed. 3, p. 29-34, setembro 1999.

GUARDIÕES DA CHAMA OLÍMPICA: ANÁLISE DO LEGADO INTANGÍVEL DO REVEZAMENTO DA TOCHA RIO 2016

GABRIELLE SILVEIRA VIEIRA^{1,3}

LUÍS HENRIQUE ROLIM SILVA^{1,3}

NELSON SCHNEIDER TODT^{1,3}

BRUNA FLORES DE LEÃO^{1,3}

FABIANA LÍRIO WEBER³

ANA JÚLIA WINGERT NUNES^{1,3}

CARLOS EUGÊNIO DA SILVA NEGREIROS^{2,3}

¹*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

³*Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS*

○ Revezamento da Chama Olímpica nos Jogos Olímpicos Rio 2016 percorreu, em três meses, cerca de 300 municípios brasileiros. Desde a chegada em solo brasileiro até a Cerimônia de Abertura, a Chama Olímpica esteve protegida por “guardiões”. Entretanto, até hoje, esses guardiões encontram-se “invisíveis” na historiografia Olímpica e a revisão de literatura indica uma lacuna de pesquisas sobre o legado intangível do Rio 2016. Nesse sentido, questiona-se: qual o impacto do evento nesses personagens? Quais os conhecimentos adquiridos com essa experiência? As respostas a esses questionamentos poderiam trazer outras perspectivas sobre o impacto dos Jogos Rio 2016, ganhos de conhecimentos e habilidades adquiridas pela população empregada ou voluntária associada ao evento são entendidos como aspectos intangíveis de legado. Além disso, a memória desses personagens pode ser considerada um patrimônio esportivo do evento, pois depoimentos orais, conhecimento e know-how são práticas culturais que deveriam ser preservadas. Esse estudo é parte de uma pesquisa que visa analisar as memórias dos Guardiões da Chama Olímpica Rio 2016 enquanto patrimônio

imaterial e legado social-cultural dos Jogos Olímpicos Rio 2016; especificamente, a pesquisa objetiva compreender os impactos do Revezamento da Chama Olímpica Rio 2016 nos Guardiões no contexto do legado intangível. As fontes primárias do estudo foram entrevistas com todos os guardiões da Chama Olímpica Rio 2016 e as fontes secundárias são reportagens e documentos relacionados ao Revezamento. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas após a assinatura do Termo de Consentimento aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS. A análise das fontes segue o método hermenêutico. A pesquisa está na etapa de análise das fontes coletadas e os resultados preliminares revelam que o impacto do evento nos Guardiões pode ser analisado em três categorias: (1) pessoal, referente ao autoconhecimento adquirido; (2) social-cultural, referente a aquisição de conhecimento de diferentes realidades sociais e culturais regionais do país; (3) técnico, referente aos conhecimentos adquiridos para o exercício da função. A partir disso, considera-se que apesar da profissionalização da função, não houve um planejamento de legado relacionado aos Guardiões; porém o impacto nos guardiões indica um potencial de legado intangível, caso haja uma revisão dos critérios de seleção em cada edição.

Palavras-chave: Revezamento; Rio 2016; Legado; Patrimônio; Memória.

Referências:

ABRAMS, L. Oral history theory. Londres: Routledge, 2010.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (ed.), A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011. p. 7-38.

BURKE, P. What is cultural history? Cambridge: Polity Press, 2004.

BROMBERGER, C. Por que se interessar pelo patrimônio esportivo? Revista Museologia e Patrimônio, v. 14, n. 1, p. 21-35, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n1p15-20>. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/857/777>. Acesso em 09 abr. 2021.

CALABRE, L.; CABRAL, E. D. T.; SIQUEIRA, M.; FONSECA, V. (org.). Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares. Volume 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. E-book. Disponível em: http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/pdfs/Memoria_das_olimpiadas_no_Brasil_%20dialogos_e_olhares_v1.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

CALABRE, L.; CABRAL, E. D. T.; SIQUEIRA, M. (org.). Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares. Volume 2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. E-book. Disponível em: http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/pdfs/Memoria_das_Olimpiadas_no_Brasil_%20Dialogos_e_Olhares_v2.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

FLYVBJERG, B.; BUDZIER, A.; LUNN, D. Regression to the Tail: Why the Olympics Blow Up. *Environment and Planning A: Economy and Space*, [S.l.], p. 1-39, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0308518X20958724>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0308518X20958724>. Acesso em: 13 mar. 2021.

GROHMANN, K. Rio 2016, the most perfect imperfect Games: IOC. Reuters, [S.l.], 6 dez. 2016. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/us-olympics-rio/rio-2016-the-most-perfect-imperfect-games-ioc-idUSKBN13V10X>. Acesso em: 13 mar. 2021

PESAVENTO, S. J. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

PREUSS, H. Lasting effects of major sporting events. *idrottsforum.org*, Malmö, 2006. Disponível em: <https://idrottsforum.org/articles/preuss/preuss061213.html>. Acesso em: 13 mar. 2021.

AÇÕES DO COMITÊ BRASILEIRO PIERRE DE COUBERTIN

JOSÉ RICARDO BRUNELLI AMADEU BORRASCA^{1,2}

CHRISTIAN ROBERTO KERN^{1,2}

WILLIAN OLIVEIRA SANMARTIN²

NELSON SCHNEIDER TODT^{1,2}

LUCIANO CASTRO¹

¹*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

²*Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS*

O Movimento Olímpico engloba organizações e instituições reconhecidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para alcançar a divulgação do Ideal Olímpico. Dentre essas organizações está o Comitê Internacional Pierre de Coubertin (CIPC), fundado em 1975, para garantir os ideais de excelência, justiça, participação e paz de Pierre de Coubertin. Para ter maior alcance em escala global, o CIPC conta com o apoio de Comitês Nacionais. Assim surgiu em 2006 o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (CBPC). Desde 2008, sua sede vincula suas atividades ao Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos do curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As ações do CBPC visam difundir e promover iniciativas em Educação Olímpica, além de incentivar e valorizar exemplos, que representam os princípios fundamentais do Olimpismo (filosofia Olímpica) (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2018). Parte deste trabalho consiste em registrar essas iniciativas e difundi-las através dos meios de comunicação do CBPC. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivos: registrar e divulgar as ações do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin; difundir e divulgar os princípios do Olimpismo, idealizados por Pierre de Coubertin de liberdade, união dos povos, fair play e fraternidade; divulgar o trabalho e as obras de Pierre de Coubertin na língua portuguesa; fornecer subsídios a pesquisadores e interessados nas ideias de Pierre de Coubertin relativas à educação, ao esporte moderno e ao Movimento Olímpico em geral; promover e incentivar iniciativas que contribuem para a aproximação do Olimpismo com o esporte ou com a população; estabelecer um registro histórico de publicações do CBPC, para posterior aná-

lise e qualificação do conteúdo produzido pelos seus meios de comunicação; transformar os meios de comunicação do CBPC em potenciais ferramentas de Educação Olímpica. Dentre os principais resultados identificados, está a criação da página do CBPC na rede social LinkedIn; a chancela e divulgação de obras literárias, como o livro “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana” - resultado de uma parceria com o eMuseu do Esporte. Além destes dados, é possível ainda identificar o impacto do trabalho de comunicação no CBPC a nível internacional, totalizando 45 países entre janeiro e setembro de 2022. Os resultados sugerem um importante engajamento das instituições parceiras, em especial com a PUCRS, bem como a relevância da continuidade de seus trabalhos conjuntos.

Palavras-chave: Valores Olímpicos; Educação Olímpica; Olimpismo; Comunicação; Redes Sociais.

Referências:

Cardoso, G., & Lamy, C. (2011). Redes sociais: comunicação e mudança. JANUS.NET e-journal of International Relations, 2(1). Universidade Autónoma de Lisboa. Retrieved from: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13383>

Castells, M. (1999). A sociedade em rede (1. ed., Vol. 1). São Paulo, SP: Paz e Terra. Retrieved from: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/337/259>

Durry, J. (2016.). Pierre de Coubertin: o visionário. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS. Retrieved from: <https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/184818/pierre-de-coubertin-o-visionario-jean-durry>

Giddens, A. (1991). As consequências da modernidade. São Paulo, SP: Editora Universidade Estadual Paulista. Retrieved from: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf>

International Olympic Committee. (2014). Olympic Agenda 2020: 20+20 Recommendations. In Fontes informacionais (p.2). Lausanne, CH: International Olympic Committee. Retrieved from: https://still-med.olympic.org/Documents/Olympic_Agenda_2020/Olympic_Agenda_2020-20-20_Recommendations-ENG.pdf

International Olympic Committee (2018). Olympic charter: in force as from 9 October 2018. In *Fontes informacionais* (p.103). Lausanne, CH: International Olympic Committee. Retrieved from: <https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/177766/olympic-charter-in-force-as-of-9-october-2018-international-olympic-committee>

McNeely, S. (1980). Cooperation between Educational and Olympic Authorities. In *Report of the International Sessions for Educationists 1973 - 1977 - 1979*, International Olympic Academy, 260-78. Ancient Olympia: Athens. HOC.

Müller, N. (2015). Olimpismo. In *Fontes informacionais* (p.35). Comité International Pierre de Coubertin, Lausanne, CH: International Olympic Committee. Retrieved from: <http://primo-pmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/PUC01:PUC01:puc01000489006>

Müller, Norbert. (2004). Olympic education - University lecture on the Olympics. In *International Chair in Olympism (IOC-UAB) June 19*. Retrieved from: https://ddd.uab.cat/pub/caplli/2010/181093/muller_eng.pdf

Todt, N. S. (2015). The Olympic Education Programs Acknowledged by the Brazilian Pierre de Coubertin Committee: a stakeholder model taking shape in Brazil. In: Destandes, A., DaCosta, L. & Miragaya, A. (Org). *The Future of Sports Mega-Events*. (1. ed., Vol. 1, pp. 415-420). Rio de Janeiro, RJ: Engenho Arte e Cultura. Retrieved from: https://www.academia.edu/12800497/THE_OLYMPIC_EDUCATION_PROGRAMS_ACKNOWLEDGED_BY_THE_BRAZILIAN_PIERRE_DE_COUBERTIN_COMMITTEE_A_STAKEHOLDER_MODEL_TAKING_SHAPE_IN_BRAZIL

AÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS EM ESPORTES EQUESTRES ADAPTADOS E PARALÍMPICOS NO BRASIL ALIADAS À TECNOLOGIA ASSISTIVA

EDUARDO PINHEIRO DOS SANTOS

ESTER LIBERATO PEREIRA

Universidade Estadual de Montes Claros

A prática esportiva paraequestre apresenta suas primeiras iniciativas, no Brasil, vinculadas ao contexto da prática da Equoterapia. Esta trata-se de uma terminologia cunhada apenas no Brasil, e faz referência a um método composto por quatro programas básicos: a hipoterapia, a educação/reeducação, o pré-esportivo e a prática esportiva paraequestre. Esta última apresenta a finalidade de preparar pessoas com deficiência para eventos e competições paraequestres, tais como os Jogos Paralímpicos. O Brasil alcançou sua primeira participação no hipismo paralímpico em 2004, e acabou trazendo bons resultados nas edições dos Jogos de 2008, com 2 medalhas de bronze; em 2016, com mais duas medalhas de bronze; e em 2021, com uma medalha de prata. Tal histórico de atuação apreciável apresenta-se devido à aptidão e empenho dos paratletas e aos investimentos em tecnologia assistiva, que colaboram para aumentar o desempenho dos competidores. Existem produtos voltados para a adaptação e concepção de aparelhos equestres a serem empregados por um(a) paratleta da modalidade adestramento paraequestre. Assim, a tecnologia assistiva apresenta, por desígnio, suprimir barreiras, condicionar a plena participação e dar uma vida funcional para a pessoa com deficiência que apresenta incapacidades e mobilidade reduzida. Analogamente, o esporte equestre adaptado consiste em uma prática de acessibilidade para pessoas com deficiência ou transtornos, ao promover a inclusão e oferecer a oportunidade de inserção dos praticantes na sociedade. Deste modo,

o objetivo deste estudo é realizar um mapeamento histórico-cultural de ações de inclusão por meio de tecnologias assistivas junto às práticas esportivas equestres adaptadas e paralímpicas desenvolvidas no país. Com o fim de analisar tais ações, procuram-se identificar instituições, associações e eventos relacionados. Em virtude disso, a metodologia utilizada é de caráter qualitativo e sócio-histórico. Os documentos que compõem as fontes do estudo são de natureza impressa e digital, tais como reportagens de jornais e sites. Estes estão sendo submetidos a uma análise documental e interpretados à luz do paradigma indiciário. Até o momento, podemos concluir, de modo parcial, que é necessária uma aproximação comunicativa e uma constituição social para gerar uma maior sintonia entre designers e paratletas, ao abalizar-se uma possibilidade de aprendizado recíproco por meio das pesquisas de usabilidade e análise ergonômica com vistas à inclusão.

Palavras-chave: História; Tecnologia Assistiva; Inclusão; Pessoas com Deficiência.

Referências:

BEGOSSI, Tuany Defaveri; MAZO, Janice Zarpellon. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2016, v. 21, n. 10 [Acessado 16 Outubro 2022], pp. 2989-2997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.20462016>>.

DALLA, DÉA, Vanessa ...[et al]. *Visibilidade do esporte e atleta paraolímpico* [Ebook] /. - Goiânia: Cegraf UFG, 2020.

GODOI, Gabriela Sanna; CASTRO, Iara Sousa. Contribuições da ergonomia para projetos de design de utensílios equestres voltados para o adestramento paraequestre. In: CHAMON, Magda; LATERZA FILHO, Moacyr (orgs.). *Anais do XXII Seminário de Pesquisa e Extensão* [recurso eletrônico]: caderno de resumos de pesquisa. -- Belo Horizonte: UEMG, 2020, p.106.

PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Equoterapia, saúde e esporte: figurações da prática no Rio Grande do Sul, 1970-2000. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2020, v. 27, n. 3 [Acessado 16 Outubro 2022], pp. 879-897. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000400010>>.

PEREIRA, Ester Liberato. Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres / Ester Liberato Pereira. -- 2016. 256 f. Orientadora: Janice Zarpellon Mazo. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

SILVA, Anselmo de Athayde Costa e et al. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* [online]. 2013, v. 27, n. 4 [Acessado 16 Outubro 2022], pp. 679-687. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000010>>.

SILVA, Isabel Cristinna do Nascimento da; ALVES, Ana Cristina de Jesus. Identificação das tecnologias assistivas no esporte paralímpico: contribuições e barreiras. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* [online]. 2020, v. 28, n. 03 [Acessado 16 Outubro 2022], pp. 917-930. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1933>>.

GUARDIÕES DA CHAMA OLÍMPICA: ANÁLISE DA FUNÇÃO NO CONTEXTO DE LEGADO INTANGÍVEL DOS JOGOS OLÍMPICOS (1984-2016)

BRUNA FLORES DE LEÃO^{1,3}

LUÍS HENRIQUE ROLIM SILVA^{1,3}

NELSON SCHNEIDER TODT^{1,3}

GABRIELLE SILVEIRA VIEIRA^{1,3}

FABIANA LÍRIO WEBER³

ANA JÚLIA WINGERT NUNES^{1,3}

CARLOS EUGÊNIO DA SILVA NEGREIROS^{2,3}

¹*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

³*Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS*

○ Revezamento da Chama Olímpica nos Jogos Olímpicos Rio 2016 percorreu, em três meses, cerca de 300 municípios brasileiros. Desde a chegada em solo brasileiro até a Cerimônia de Abertura, a Chama Olímpica esteve protegida por “guardiões”. Entretanto, esses guardiões encontram-se “invisíveis” na historiografia Olímpica e a há uma lacuna de pesquisas sobre o legado intangível do Rio 2016. Nesse sentido, questiona-se: como foi criada a função de Guardião? Qual o seu papel no revezamento? As respostas a esses questionamentos poderiam trazer outras perspectivas sobre o impacto do Jogos Rio 2016, já que ganhos de conhecimentos e habilidades adquiridas pela população empregada ou voluntária associada ao evento são entendidos como aspectos intangíveis de legado. Assim, esse estudo é parte de uma pesquisa que visa analisar as memórias dos Guardiões da Chama Olímpica Rio 2016 enquanto patrimônio imaterial e legado social-cultural dos Jogos Olímpicos Rio 2016; especificamente, a pesquisa objetiva caracterizar os Guardiões da Chama Olímpica no contexto do legado Olímpico e dos Jogos Olímpicos em diferentes edições. As fontes primárias do estudo fo-

ram entrevistas com todos os guardiões da Chama Olímpica Rio 2016 e as fontes secundárias são reportagens e documentos relacionados ao Revezamento. A análise das fontes segue o método hermenêutico. A pesquisa está na etapa de análise das fontes coletadas e os resultados preliminares indicam que o papel de guardião existe com outras nomenclaturas e funções desde os Jogos de Los Angeles em 1984; quando foi a função de “corredor de apoio” tornou-se primordial para auxiliar o condutor da tocha no revezamento e exibir a marca do patrocinador. Outro marco do papel dos guardiões é o revezamento nos Jogos de Atenas em 2004. Nesta ocasião, além de percorrer os cinco continentes pela primeira vez, o revezamento ganha um Manual Técnico de operacionalização; institucionalizando a “célula de proteção” e a definição da função como “corredor de segurança”. Já no Rio 2016, a função de Guardiã ganha protagonismo na perspectiva de proteção do símbolo Olímpico e aumento da equipe de guardiões, devido a extensão do país. A partir desta análise inicial, considera-se que apesar da profissionalização da função ao longo dos Jogos, não houve um planejamento de legado relacionado aos Guardiões; porém o impacto nos guardiões indica um potencial de legado intangível, caso haja uma revisão dos critérios de seleção em cada edição.

Palavras-chave: Chama Olímpica; Revezamento; Jogos Olímpicos; Legado; Guardiões.

Referências:

ABRAMS, L. Oral history theory. Londres: Routledge, 2010.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (ed.), A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011. p. 7-38.

BURKE, P. What is cultural history? Cambridge: Polity Press, 2004.

BROMBERGER, C. Por que se interessar pelo patrimônio esportivo? Revista Museologia e Patrimônio, v. 14, n. 1, p. 21-35, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n1p15-20>. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/857/777>. Acesso em 09 abr. 2021.

CALABRE, L.; CABRAL, E. D. T.; SIQUEIRA, M.; FONSECA, V. (org.). Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares. Volume 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. E-book. Disponível em: http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/pdfs/Memoria_das_olimpiadas_no_Brasil_%20dialogos_e_olhares_v1.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

CALABRE, L.; CABRAL, E. D. T.; SIQUEIRA, M. (org.). Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares. Volume 2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. E-book. Disponível em: http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/pdfs/Memoria_das_Olimpiadas_no_Brasil_%20Dialogos_e_Olhares_v2.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

FLYVBJERG, B.; BUDZIER, A.; LUNN, D. Regression to the Tail: Why the Olympics Blow Up. *Environment and Planning A: Economy and Space*, [S.l.], p. 1-39, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0308518X20958724>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0308518X20958724>. Acesso em: 13 mar. 2021.

GROHMANN, K. Rio 2016, the most perfect imperfect Games: IOC. Reuters, [S.l.], 6 dez. 2016. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/us-olympics-rio/rio-2016-the-most-perfect-imperfect-games-ioc-idUSKBN13V10X>. Acesso em: 13 mar. 2021

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

PREUSS, H. Lasting effects of major sporting events. *idrottsforum.org*, Malmö, 2006. Disponível em: <https://idrottsforum.org/articles/preuss/preuss061213.html>. Acesso em: 13 mar. 2021.

ACADEMIC OLYMPIC STUDIES AND RESEARCH CENTRE - ATENDENDO AS NOVAS DIRETRIZES DO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL

CHRISTIAN ROBERTO KERN

JOSÉ RICARDO BRUNELLI AMADEU BORRASCA

WILLIAN OLIVEIRA SANMARTIN

NELSON SCHNEIDER TODT

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS

Criado em 2002, o Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) integra a rede dos Centros de Estudos Olímpicos (CEOs) do Comitê Olímpico Internacional (COI). Desde 2020, o GPEO PUCRS passa a atender as novas "Diretrizes para os Estudos Acadêmicos Olímpicos e Centros de Pesquisa" estabelecidas pelo COI, elaboradas para fornecer um quadro mais claro no qual os CEOs possam funcionar, garantindo o alinhamento total com a Carta Olímpica, respeitando sua independência em termos de atividades acadêmicas, utilizando-se das propriedades Olímpicas exclusivamente para fins educacionais, informativos e de relatórios, com a intenção de disseminar o conhecimento Olímpico. Desta forma, o Apoio Técnico busca facilitar o atendimento destas diretrizes em produções e comunicações internas e externas do GPEO. Para atingir tal fim, além das duas páginas em redes sociais, Facebook e Instagram, foi criada uma página na rede social LinkedIn e uma conta no Spotify, como ferramentas de maior alcance no impacto de suas atividades de divulgação das ações do grupo de pesquisa, bem como na promoção de trabalhos acadêmicos pautados no Movimento e nos Estudos Olímpicos. No entanto, para maior efetividade no trabalho de divulgação dos materiais, elaboramos um fluxograma que serve como veículo condutor das nossas tarefas de comunicação, que segue a se-

guinte ordem de execução: (1) reuniões de pauta a cada bimestre ou em eventos específicos; (2) pesquisa de conteúdo; (3) elaboração do material para publicação; (4) revisão do material; (5) correções e versão final do material; (6) publicação. Apesar de 84,6% (Facebook) e 86,8% (Instagram) dos seguidores atuais das páginas indicarem residência no Brasil, o canal também possui alcance internacional. O GPEO totaliza, atualmente, três publicações semanais fixas em suas redes alcançando pelo menos 10 países. No período entre outubro e janeiro de 2022, obtivemos um alcance de 6.858 pessoas no Facebook e de 6.147 no Instagram. O impacto do trabalho de comunicação do GPEO ainda está em avaliação, porém os benefícios das atividades ao acadêmico bolsista são notórios, favorecendo novas pesquisas e atividades, ampliando campos de atuação e favorecendo novos vínculos acadêmico-profissionais.

Palavras-chave: Centro de Estudos Olímpicos; Movimento Olímpico; Redes Sociais; Facebook; Instagram.

Referências:

CARDOSO, Gustavo et al. Redes sociais: comunicação e mudança. JANUS. NET, n. 1, p. 73-96, 2011.

CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia. Redes sociais: comunicação e mudança. JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 2, N.º 1, Primavera 2011. Disponível em: <observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6>. Acesso em 31 ago. 2018.

GULKA, Juliana Aparecida; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira. Presença digital em portais de periódicos: proposta de análise. Em Questão, v. 23, Edição Especial 5 EBBC, 2017.

CARDOSO, Gustavo; CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à acção política. Belém-Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Agenda 2020: 20+20 Recommendations. 2015-05-01](2014-12-08). http://www.olympic.org/Documents/Olympie_Agenda_2020/Olympic_Agenda_2020-20-20_Recommendations-ENG.pdf, p.2, 2014.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do; CORREA, Elisa Cristina Delfini. Bibliotecas universitárias e presença digital: estabelecimento de diretrizes para o uso de mídias sociais. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 165-181, set. 2016.

UM ESPORTE OLÍMPICO NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ESPORTE/RJ: UMA HISTÓRIA DO HIPISMO PELO PERIÓDICO CARIOCA

GUILHERME CARVALHO VIEIRA

DANIELY SANTOS RAMOS

ESTER LIBERATO PEREIRA

Universidade Estadual de Montes Claros

O presente estudo tem o objetivo de evidenciar o discurso de modernidade incorporado ao esporte hípico e à presença militar. Este estudo foi realizado por meio de pesquisa documental, em fontes impressas, tais como o periódico que circulava na cidade do Rio de Janeiro, A Revista do Esporte, no período de 1959 a 1970. Tais fontes foram submetidas a uma análise documental. Situamos o presente estudo em uma abordagem sócio-histórica e, com aparato teórico, utilizamos conceitos cunhados pelos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning, para uma interpretação do fenômeno esportivo. É sobre tal perspectiva sócio-histórica que trabalhamos a partir da ideia de uma “civilização do esporte” ou, como Pereira (2012) e Elias e Dunning apresentam, de um processo de esportivização. Isto ao ter em vista o processo de inserção dos civis na prática do hipismo, a qual aparece junto à elaboração de regras e da dominação do indivíduo, ao usar o elemento do jogo. Antes, o salto estava restrito ao contexto de treinamento militar e à emergência de uma prova que possui um cenário semelhante ao das caças à raposa. Nesse panorama, o esporte é inserido como modernização do corpo e do comportamento. O que antes era visto como atividade de treinamento militar, no novo contexto, é adaptado aos valores do corpo civilizado da modernidade. A revista teve seu primeiro número publicado em 14 março de 1959, na cidade do Rio de Janeiro, até então capital do Brasil, e cidade modelo de modernidade. A revista carioca

trata o esporte hípico como um esporte limpo, ao contrapô-lo com um esporte de massa, como o futebol, que, já na década de 1920, era tomado pela população. Nas páginas da revista carioca, o esporte hípico compunha elementos de distinção e demonstração de civilidade das classes dominantes. O esporte hípico, no âmbito militar, era reservado aos oficiais e capitães, enquanto os demais esportes eram praticados por todos os membros do exército. Concluimos que o esporte hípico era reservado para determinado grupo social em detrimento a outros, como elemento de distinção social e reafirmação de lugar de poder.

Palavras-chave: Hipismo; História do esporte; Jogos Olímpicos.

Referências:

ALMEIDA, F. C. de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 9-30, jun. 2011.

BURKE, P. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ELIAS, Norbert; DUNINNG, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 vols.

MELO, V. A. de. O RURAL CIVILIZADO: A EXPERIÊNCIA DO HIPISMO NO JACAREPAGUÁ TÊNIS CLUBE (RIO DE JANEIRO; 1940-1957). *Material es para la Historia del Deporte*, Madrid, Espanha, n. 21, p. 2-16, 9 set. 2021. DOI 10.20868/mhd.2021.21.4593. Disponível em: http://polired.upm.es/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/4593. Acesso em: 17 out. 2021.

PEREIRA, E. L. Configurações sóciohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres. Orientador: Janice Zarpellon Mazo. 2016. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Univer-

cidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/148775>. Acesso em: 17 out. 2021.

PEREIRA, E. L. As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PEREIRA, E. L.; MAZO, J.; BATAGLION, G.A. Equitação no Rio Grande do Sul: um estudo sobre a configuração da vertente rural. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 27, p. 155-175, 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/9137/pdf>. Acesso em: 17 out. 2021

PEREIRA, Ester Liberato, SILVA, Carolina Fernandes da e MAZO, Janice Zarpellon. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [online]. 2015, v. 29, n. 1 [Acessado 1 Agosto 2022], pp. 47-64. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092015000100047>.

OS RESULTADOS DA PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NAS OLIMPÍADAS DE MOSCOU: CONSEQUÊNCIAS PARA O DEBATE DO ESPORTE AMADOR NO CENÁRIO NACIONAL

VÍTOR MAZZOCCOLI ALVIM

Universidade Federal de Juiz de Fora

O presente artigo visa analisar as consequências da participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Moscou, o foco da pesquisa está em observar como o desempenho brasileiro no evento renasce o debate a respeito da precarização do esporte amador no cenário nacional. Para isso, tem-se como fontes historiográficas as matérias do jornal O Globo, periódico este que dedicou um espaço significativo de suas páginas para a cobertura dos Jogos Olímpicos. Através do recorte temporal de vinte e um dias, no qual, se tem como base o início dos Jogos e perpassando quinze dias após o seu término, foram analisadas todas as edições do jornal em busca de debates a respeito do que fazer com o esporte amador brasileiro, suas polêmicas durante o evento e as consequências dos resultados obtidos no evento. Utilizando uma metodologia de estudo voltada para o micro, a análise das fontes impressas, buscou-se compreender todo o cenário esportivo da época, ou seja, o macro. Ademais, a partir do marco dos Jogos Olímpicos, busca-se entender como o campo dos desportos está diretamente relacionado a diversos outros espectros da sociedade, dentre eles a política, a economia e a opinião pública. Tendo em vista as colunas publicadas nesse fragmento temporal, observa-se uma série de questões levantadas pelo periódico, pelos atletas e pela organização do Comitê que dizem respeito ao futuro do esporte amador brasileiro e os problemas que este enfrenta no presente. Além disso, a proposta em si justifica-se, visto que

pensar o cenário esportivo não é uma atividade do passado. O uso dos grandes eventos como atividades político-ideológicas se faz presente nos dias atuais. Seria de uma ingenuidade pueril afirmar que o esporte é uma atividade neutra e que não impacta diretamente todos os setores da sociedade. Em somatório a isso, é de fundamental importância entender os seus usos em períodos remotos para observar as continuidades e descontinuidades do cotidiano compreendendo que algumas de suas questões principais são heranças de um passado recente. Portanto, este trabalho tem como objetivo contribuir para a construção dos campos de história do esporte e história do esporte amador, buscando preencher algumas lacunas historiográficas que se fazem presente em nossa sociedade.

Palavras-chave: Olimpíadas; Esporte Amador; Imprensa; Sociedade.

Referências:

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n. 35, p.253-270, dez.2007

GIGLIO, Sérgio Settani; SANTOS, João Manuel Malaia “ O Brasil e o passado dos Jogos Olímpicos modernos : Um vazio historiográfico “ Argumentos , Vol. 17, n. 2, jul./dez. 2020 ISSN: 2527-2551 (online)

LEITE, Carlos Henrique Ferreira, “ Teoria metodologia e possibilidades: Os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica” ESCRITAS, Vol. 7, n.1 p. 3-17 (2015) ISSN 2238-7188

MEIHY, Murilo; SOUZA, Luana. O esporte como ferramenta política e diplomática: O caso do boicote americano às olimpíadas de Moscou. FuLIA / UFMG, v. 2, n.3, set-dez .2017.

MELO, Victor Andrade de; FORTES , Rafael. História do esporte: Panorama e perspectiva Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MIRANDA, Camila Barbosa Monção,” As representações do golpe e da ditadura nos editais do jornal O GLOBO (1964-1985). 2015. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso em História) Faculdade de História. Universidade Federal de Minas Gerais- Belo Horizonte.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da era moderna: Uma proposta de periodização Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010

SIGOLI, Mario Andre; JUNIOR Dante de. A História do uso político do esporte R. bras. Ci. e Mov. Brasília v. 12 n. 2 p. 111-119 jun. 2004.

PROGRAMA BOLSA-ATLETA E JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO NA ATUALIDADE: EXPANSÃO OU CONTRAÇÃO?

CARLA CRISTINA SANTOS OLIVEIRA¹

LEONARDO CARMO SANTOS²

JAIME DELLA CORTE²

ANDERSON OCCHI³

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES^{1,2}

Universidade do Estado do Rio de Janeiro¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro²

Universidade Salgado de Oliveira³

O programa Bolsa-Atleta é descrito pelo governo como “um dos maiores programas de incentivo direto ao atleta do mundo”; também é afirmado que “garante condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e a competições”. O objetivo deste trabalho foi identificar como o programa Bolsa-Atleta foi concedido aos atletas brasileiros, que efetivamente competiram nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, Rio de Janeiro 2016 e Tóquio 2020. Conduziu-se uma pesquisa qualitativa que privilegiou a análise documental, onde se analisaram as informações coletadas sobre o Bolsa-Atleta na base de dados Inteligência Esportiva. A amostra contou com as 1.041 participações nos três eventos analisados, entre masculino e feminino. O critério de exclusão abrangeu aqueles que não participaram de nenhuma prova (27 atletas), entre reservas ou lesionados. Os resultados mostram que houve melhora brasileira nos pódios (Londres 2012, com 17 medalhas em 9 modalidades; Rio de Janeiro 2016, com 19 medalhas em 11 modalidades; Tóquio 2020, com 21 em 12 modalidades). Contudo, após o incremento de de 100% a 200% no orçamento do programa, desde sua criação em 2005 até o ano de 2014, permitindo maior abrangência de modalidades e atletas, houve decréscimo, reduzindo a possibilidade de apoio financeiro aos atletas das modalidades individuais. No ciclo de Tóquio 2020, a redução de 17% em relação ao ciclo ante-

rior, restringiu bolsas somente à categoria Pódio. Apesar de chegar a cobrir 80% da delegação de Tóquio 2020 em algum momento, 42% dos atletas não tinham patrocínio no período dos Jogos, 13% contaram com rateios para custear a ida ao evento e 11% viviam de outras profissões. Dos medalhistas brasileiros em Tóquio, 75% recebiam o Bolsa-Atleta. Concluiu-se que, a partir da retração de investimentos, o programa Bolsa-Atleta agiu majoritariamente em seu principal critério de concessão, que está relacionado a atletas que já possuem carreira com resultados expressivos na sua categoria e modalidade, percepção que é reafirmada com a “Bolsa Pódio”. Diante dos dados, pudemos perceber um padrão de investimento no esporte brasileiro com maior ênfase nos atletas que já estão no “ápice” do alto rendimento e garantindo medalhas. Com isso, a política de incentivo ao esporte que incide diretamente no bolso dos atletas não parece estimular a mínima estabilidade financeira daqueles que precisam melhorar seus níveis de desempenho e dispersam suas energias buscando outros meios.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Bolsa-Atleta; Políticas Públicas; Esporte.

Referências:

BRASIL. Ministério da Cidadania. Bolsa-Atleta. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta>. Acesso em: 18 out. 2022.

BRASIL. Lei n. 12.395, de 16 de março de 2011. Altera as Leis nº s 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. [Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, 2011]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm. Acesso em: 25 maio 2020.

BRASIL. Lei n. 10.891, de 9 de julho de 2004. Institui a Bolsa-Atleta. [Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, 2004]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891compilado.htm. Acesso em: 1 maio 2020.

BRASIL. Decreto Nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta. [Brasília, DF: Presidência da República, Secretaria Geral, 2005]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5342.htm. Acesso em: 18 out. 2022.

BRASIL. Secretaria Especial do Esporte. Legislação - Bolsa-Atleta. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta/legislacao-1>. Acesso em 01 maio 2020.

BRASIL. Secretaria Especial do Esporte. Ministério do Esporte desenvolve projeto do Talento Esportivo. 12 set. 2004. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/210-noticias-snelis/41645-ministerio-do-esporte-desenvolve-projeto-do-talento-esportivo>. Acesso em: 08 abr. 2020.

BUENO, Luciano. Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento. 2008. Tese de Doutorado.

CUNHA, Vinicius de Faria. Jogada de craque? Fatores críticos que levam empresas públicas a patrocinarem o esporte. Dissertação (Mestrado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro-RJ, 2012.

DIAS, Yuri Rafael et al. O Judô no programa governamental Bolsa-Atleta: a distribuição espacial dos bolsistas (2011-2013). Pensar a Prática, v. 19, n. 1, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA INTELIGÊNCIA ESPORTIVA [IPIE]. Programa Bolsa Atleta. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/bi-bolsa-atleta/>. Acesso em: 18 out. 2022.

ANÁLISE DOS LOCAIS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS BRASILEIROS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES, RIO DE JANEIRO E TÓQUIO

CARLA CRISTINA SANTOS OLIVEIRA¹

LEONARDO CARMO SANTOS²

JAIME DELLA CORTE²

ANDERSON OCCHI³

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES^{1,2}

Universidade do Estado do Rio de Janeiro¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro²

Universidade Salgado de Oliveira³

Na perspectiva da descoberta de talentos, foram colocadas sob análise as biografias esportivas dos atletas brasileiros que participaram dos Jogos Olímpicos de Verão nas edições de Londres (2012), Rio de Janeiro (2016) e Tóquio (2020). O objetivo foi identificar e discutir o local de iniciação esportiva dos atletas olímpicos brasileiros que participaram dos Jogos Olímpicos no período de 2012 a 2020. Conduziu-se uma pesquisa qualitativa que privilegiou a análise documental, onde se analisou o Relatório Oficial produzido pelo Comitê Olímpico Internacional referente a todas as provas dos Jogos Olímpicos de 2012, 2016 e 2020; a obra “Atletas Olímpicos Brasileiros”; sites de Confederações; sites particulares e redes sociais de atletas; revistas eletrônicas; entrevistas disponíveis na internet. A amostra contou com 1.041 participações nos três eventos analisados. O critério de exclusão abrangeu aqueles que não participaram de nenhuma prova (27 atletas), porque eram reservas ou lesionados. Conforme o foco estava nos locais de origem dos atletas, não houve separação entre masculino e feminino. Como resultado, foram encontradas cinco vias de primeiros contatos com os variados es-

portes, no período compreendido, que foram organizadas por ordem decrescente em relação à quantidade: 1) os clubes foram os principais agentes formadores de atletas na maioria das modalidades; 2) a escola é a segunda maior contribuidora no número de atletas, apesar de não ter infraestrutura adequada para a prática desportiva e não estar voltada para a detecção de talentos; 3) em terceiro, academias e escolinhas possibilitaram que a maioria dos atletas de futebol, ginástica artística, natação e lutas se iniciassem no esporte; 4) os projetos sociais ficaram em quarto, destacando algumas iniciativas como o boxe, que revelaram atletas medalhistas nas três edições dos Jogos Olímpicos analisadas; 5) a categoria “Outros” comporta aqueles que surgiram nas modalidades recentes incluídas, a exemplo do surf e skate, cuja estrutura muitas vezes não se ampara em instituições tradicionais, mas requerem ambientes muito específicos para a sua prática. Ao olhar para cada edição isoladamente, as origens de iniciação dos e das atletas se mesclavam em alguns esportes. Concluiu-se que as cinco origens analisadas contribuíram com a participação de atletas olímpicos, inclusive medalhistas; as modalidades cujas origens se mesclaram, de acordo com cada edição, são as mais populares no país.

Palavras-chave: Iniciação Esportiva; Descoberta de Talentos; Jogos Olímpicos; Esporte; Pesquisa Qualitativa.

Referências:

BÖHME, M. T. Talento esportivo I: aspectos teóricos. Revista Paulista de Educação Física, v. 8, n. 2, p. 90-100, jul./dez. 1994.

Comitê Olímpico do Brasil. O Brasil nos jogos. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/participacoes> . Acesso em: 02 mai 2020.

CSIKSZENTMIHALYI, M. et al. Talented teenagers: the roots of success & failure. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RUBIO, Katia. Atletas olímpicos brasileiros. São Paulo: Editora SESI-Serviço Social da Indústria, 2015.

A TRAJETÓRIA DOS ATLETAS OLÍMPICOS CATARINENSES PARTICIPANTES DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016

BRUNA LETÍCIA DE BORBA
LUCAS FARIAS
LUIZ FELIPE GUARISE KATCIPIS
PATRÍCIA BOAVENTURA
CAROLINA FERNANDES DA SILVA
Universidade Federal de Santa Catarina

Em 2016, pela primeira vez em mais de um século de história, os Jogos Olímpicos (JO) da era moderna foram sediados em um país da América do Sul. Os atletas são os principais atores dos JO, entretanto, raramente são identificados como um dos elementos estruturais de constituição deste histórico megaevento. Em produções midiáticas, constrói-se este sujeito como representação de um país e dá-se destaque àqueles que conquistam medalhas, perpetuando e produzindo histórias no cenário esportivo nacional através de uma homogeneização da imagem do atleta olímpico (PIRES, 2010; SILVA, CARNEIRO, MARINHO, 2018). De acordo com Rúbio (2019), as narrativas dos atletas olímpicos podem colaborar para a formação de um imaginário esportivo mais heterogêneo, pois as trajetórias dos atletas, bem como as suas vivências dentro dos JO são únicas e singulares, ao serem lembradas, permitem que os atletas assumam também o protagonismo no processo de ressignificação. Nessa direção, conferir representatividade no caso do Brasil e, mais especificamente, da trajetória dos atletas catarinenses que participaram dos JO Rio 2016, faz manter vivas as histórias de personagens que compõem parte do passado esportivo como prática cultural e sociopolítica, dotada de intencionalidades e interesses específicos (CHARTIER, 2011). Assim, surge o seguinte objetivo da pesquisa: compreender como atletas de Santa Catarina representam a sua trajetória e a sua participação nos JO de verão de 2016. Desse modo, este estudo realizou uma pesquisa histórica. Para tanto, a concepção teórico-meto-

dológica da História Oral, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com os atletas catarinenses participantes dos Jogos, foi empregada. O método de análise de conteúdo de Bardin (2000) foi eleito para interpretação dos depoimentos. As declarações dos(as) atletas citam com mais frequência a vivência na Vila Olímpica, como se pode identificar no depoimento do(a) Atleta D (2022, p. 21) “quando eu entrei, quando eu vivi, quando eu botei o pé na Vila Olímpica, é tudo aquilo que eu sonhava, que achava que ia ser, aumentou mais ainda.[..] Por exemplo, russo e ucraniano hoje, se fosse na Vila Olímpica, estariam um do lado do outro comendo da mesma comida, vivendo no mesmo teto”. Diante disso, foi inferido que, para os atletas de Santa Catarina, os JO de 2016 foram marcados pelos contatos culturais possibilitados pela convivência com atletas de outros países e não meramente o período de competição nas modalidades.

Palavras-chave: Olimpíadas Rio 2016; Atletas Olímpicos catarinenses; trajetória esportiva; História Oral; Olimpismo.

Referências:

ALBERTI, Verena. História oral e a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ATLETA C. Entrevista concedida ao grupo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do CDS/UFSC, em 11 de maio de 2022.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

COB - Comitê Olímpico Brasileiro, Atletas - 2016, Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/?competicoes=2169|&>. Acesso em: 21/09/2020.

DELGADO, L. A. N. História oral - memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FESPORTE - Federação de esporte de SC. “15 atletas de SC estarão nos Jogos Olímpicos do Rio”. Disponível em: <http://www.fesporte>.

sc.gov.br/eventos/geral/item/1916-15-atletas-de-sc-estarao-nos-jogos-olimpicos-do-rio. Acesso em: 25/11/2020.

MELO, Victor Andrade. Memória e história: desafios metodológicos para os estudos do esporte. In: RUBIO, Katia. Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos. São Paulo, Képos, 2014.

OTTO, Clarícia. Nos rastros da memória. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

PIRES, Giovani. Jogos Olímpicos e a Dialética Global-Local: os catarinenses em Atenas/2004 na mídia impressa regional. In: SANFELICE, Gustavo Roesse; MYSKIW, Mauro (orgs). Mídia e esporte: temas contemporâneos. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A metamorfose dos Jogos Olímpicos (1896-1996). Anais do XVII Encontro Regional de História—O lugar da História, v. 6, 2004.

RUBIO, Katia. Identidade heróica e narrativas biográficas: a memória do esporte por atletas olímpicos. *Olimpianos*, v. 3, p. 1-24, 2019.

SILVA, Carolina Fernandes; CARNEIRO, Mayara; MARINHO, Jaqueline. A cobertura dos portais eletrônicos de notícias mineiros sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. In: OLIVEIRA, Ailton Fernando Santana; HAIACHI, Marcelo de Castro. (Org) Diferentes olhares sobre os jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores [recurso eletrônico]. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2018.

UM OLHAR PARA JOGOS OLÍMPICOS DO RIO 2016: AS PERCEPÇÕES DE ATLETAS CATARINENSES ACERCA DO OLIMPISMO

BRUNA LETÍCIA DE BORBA
LUCAS FARIAS
LUIZ FELIPE GUARISE KATCIPIS
PATRÍCIA BOAVENTURA
CAROLINA FERNANDES DA SILVA
Universidade Federal de Santa Catarina

Dentre as diferentes manifestações do fenômeno esportivo, os Jogos Olímpicos (JO) ocupam um lugar de destaque no cenário contemporâneo. Restaurados no fim do século XIX, cresceram em tamanho e importância ao longo do século XX (PRONI, 2004, p. 2). Ancorado nos Jogos da Era Clássica, seu idealizador, Pierre de Coubertin, procurou resguardar os princípios do ideal olímpico grego, associando a prática esportiva a uma filosofia de educação pelo esporte, contemplada por meio do conceito de Olimpismo. Os princípios fundamentais do Olimpismo expressos na Carta Olímpica se apresentam guiados por valores éticos tidos como universais (PARRY, 2003). Na perspectiva da História Cultural, tais princípios propõem o entendimento dos valores como algo culturalmente relativo, ou seja, a definição do Olimpismo continua em aberto (PARRY, 2006) e modifica-se conforme o contexto em que se encontra. Desde o século XX, a maioria dos atletas participantes dos JO possui o esporte em seu cotidiano desde a infância e tende a ter os JO como um dos objetivos de carreira, porém poucos mencionam o Olimpismo como um dos elementos de sua formação esportiva. Além disso, não foram identificadas produções científicas que tratassem especificamente das memórias e percepções dos atletas olímpicos de Santa Catarina a partir de suas subjetividades. Diante deste quadro, emerge o obje-

tivo desta pesquisa: entender como os atletas catarinenses compreendem o Olimpismo e sua formação esportiva. Para tanto, buscaram-se informações em depoimentos de (6) atletas olímpicos catarinenses que participaram da edição dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016. Estes dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral (BOSI, 1994; MEIHY, 1996; ALBERTI, 2005) e foram analisadas por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2000) e pelo viés teórico da História Cultural (CHARTIER, 2011). Dentre as principais conclusões, encontramos que a maioria dos (as) atletas catarinenses declarou que não sabem o que é Olimpismo. Entretanto, foi inferido que alguns conhecem um ou mais valores olímpicos, como pode ser identificado no depoimento do(a) atleta C (2022, p. 11) “Amizade, respeito e tem mais um que eu não lembro, dedicação, alguma coisa assim”. Assim, identificamos que, em suas trajetórias, os conceitos de Olimpismo e os valores olímpicos estiveram presentes de forma indireta, principalmente em atividades para além da prática esportiva.

Palavras-chave: Olimpíadas Rio 2016; Atletas Olímpicos catarinenses; trajetória esportiva; História Oral; Olimpismo.

Referências:

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (Org.) Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.

ATLETA C. Entrevista concedida ao grupo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do CDS/UFSC, em 23 de maio de 2022.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CARMONA, Eduardo; SILVA, Carolina da; MAZO, Janice Zarpellon. Narrativa de atletas de voleibol sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos de 1964 e 1968. Pensar a Prática (Online), v. 18, p. 782-795, 2015. COI - Comité Olímpico Internacional. Carta Olímpica. Lausanne: Comité Olímpico Internacional, 2018. Disponível em:

-OlympicCharter.pdf#_ga=2.31240508.241602770.1558559745-1965920211.1540564246. Acesso em 21 maio 2019

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). (Re)Introduzindo história oral no Brasil. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

PARRY, J. Olympism for the 21st Century. Centre d'Estudis Olímpics-Universitat Autònoma de Barcelona, 2003.

PARRY, Jim. Sport and Olympism: universals and multiculturalism. *Journal of the Philosophy of Sport*, v. 33, n. 2, p. 188-204, out. 2006.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A metamorfose dos Jogos Olímpicos (1896-1996). *Anais do XVII Encontro Regional de História-O lugar da História*, v. 6, 2004.

ATLETAS OLÍMPICOS DE SANTA CATARINA NA RIO 2016: HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVA

CAROLINA FERNANDES DA SILVA

JUSSARA MANNES

Universidade Federal de Santa Catarina

O presente estudo visa compreender como ocorreu a trajetória esportiva de atletas de Santa Catarina (SC) para a participação nos Jogos Olímpicos (JO) de Verão de 2016, sendo esta a primeira edição deste evento na América do Sul. Atletas de SC representam a memória esportiva catarinense e brasileira nos JO, porém no levantamento de referencial teórico realizado, constata-se que há poucas iniciativas de preservação dessa memória olímpica no que tangem aos atletas a nível regional. Tal lacuna se apresenta também no meio científico com poucas publicações regionalizadas que abarquem a história e a memória dos JO sob a perspectiva de atletas, e assim lhe dar representatividade pelo resgate das suas memórias de vida, esportivas e olímpicas. Deste modo, buscou-se, por meio de entrevistas semiestruturadas e a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, informações dos atletas olímpicos catarinenses que participaram da edição dos JO de Verão de 2016. Foram realizadas sete (7) entrevistas. O esporte é reconhecido mundialmente como um fenômeno que atinge grande parcela da população. Desde cedo alguns atletas iniciaram na vida esportiva, como a Atleta 1 (20/12/2021), jogadora de Rugby desde seus 19 anos, mas já tendo praticado ginástica artística, natação, atletismo, judô, futebol, futsal. Outra atleta que começou desde cedo sua carreira esportiva foi a Atleta 6 (23/05/2022), da ginástica rítmica, que aos quatro anos iniciou na ginástica em um projeto de iniciação e aos nove anos de idade participou de sua primeira competição oficial. Um dos desafios enfrentados pelos atletas na sua carreira e também na preparação para os Jogos Olímpicos foram as lesões. Ver um colega se lesionar

e ficar impedido de ir aos Jogos foi algo que causou medo, como relata o Atleta 5 (11/05/2022), pois as lesões são como obstáculos que podem interromper ou atrapalhar a carreira esportiva. Outro desafio foi a dificuldade financeira, alguns esportistas buscavam conciliar trabalho ou estudo e vida de atleta. Em meio a tantas competições, a Atleta 4 (04/04/2022), do Rugby, também cursou Educação Física na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Os depoimentos demonstram que as trajetórias esportivas dos atletas olímpicos de SC foram imersas de significados partilhados. Apesar de não conquistarem medalhas, a participação nos JO foi um marco na carreira. Os atletas seguem ligados de alguma forma ao campo esportivo, seja como forma de lazer ou profissional.

Palavras-chave: Memória; Atletas; Jogos Olímpicos; História.

Referências:

ALBERTI, Verena. História oral e a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ATLETA 1. Entrevista concedida ao grupo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do CDS/UFSC, em 20/12/2021.

ATLETA 4. Entrevista concedida ao grupo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do CDS/UFSC, em 04/04/2022.

ATLETA 5. Entrevista concedida ao grupo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do CDS/UFSC, em 11/05/2022.

ATLETA 6. Entrevista concedida ao grupo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do CDS/UFSC, em 23/05/2022.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.

CARMONA, Eduardo; SILVA, Carolina da; MAZO, Janice Zarpellon. Narrativa de atletas de voleibol sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos de 1964 e 1968. Pensar a Prática (Online), v. 18, p. 782-795, 2015.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

COB - Comitê Olímpico Brasileiro, Atletas - 2016. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/?competicoes=2169|&>. Acesso em: 01 dez. 2021.

DELGADO, L. A. N. História oral - memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FESPORTE - Federação de esporte de SC. "15 atletas de SC estarão nos Jogos Olímpicos do Rio". Disponível em: <http://www.fesporte.sc.gov.br/eventos/geral/item/1916-15-atletas-de-sc-estarao-nos-jogos-olimpicos-do-rio>. Acesso em: 05 dez. 2021.

OTTO, Clarícia. Nos rastros da memória. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

RUBIO, Katia. Identidade heróica e narrativas biográficas: a memória do esporte por atletas olímpicos. *Olimpianos*, v. 3, p. 1-24, 2019.

RUBIO, Katia. MOREIRA, Flávio de Godoy. A representação de dor em atletas olímpicos brasileiros. *Revista Dor*, v. jan./fe/mar. 2014, n. 1, p. 926-935, 2007. Acesso em: 09 set. 2022.

ATLETAS OLÍMPICAS CATARINENSES NA RIO2016: MEMÓRIA, INSERÇÃO E TRAJETÓRIA ESPORTIVA

BRUNA LETÍCIA DE BORBA
LIZIANE NATHÁLIA
LAURA LOANA
CAROLINA FERNANDES DA SILVA
PATRÍCIA LUIZA BREMER BOAVENTURA
Universidade Federal de Santa Catarina

Dentre as diferentes manifestações do esporte, os Jogos Olímpicos (JO) ocupam um lugar de destaque na sociedade contemporânea (PRONI, 2004, p. 2). Ao longo do século XX, este megaevento cresceu em tamanho e importância, tornando-se um grande espetáculo das nações (RUBIO, 2008, p. 2019). Idealizado por Pierre de Coubertin, os JO da Era Moderna foram reinaugurados em 1896, sem nenhuma menção sobre a presença das mulheres nos Jogos. A primeira vez que houve uma discussão sobre a participação das mulheres foi em 1910, mas é somente em 1924 que, pela primeira vez, surge na Carta Olímpica um item para inseri-las (MONTANHA, 2019; DEVIDE, 2005). A entrada das mulheres nos JO como atletas foi interpretada com curiosidade e poderio. O próprio Pierre de Coubertin era partidário da ideia de que a participação efetiva violaria o ‘destino fixo’ das mulheres como mães e companheiras dos homens (FARIAS, 2008). Em vista destes valores sociais construídos, é somente após 36 anos da reinauguração dos JO que pela primeira vez na história uma brasileira compete nos JO, em 1932 (VOTRE; MOURÃO, 2001). Conforme Perrot (2007), as mulheres têm uma história, sujeitas de suas próprias representações, contudo, historicamente, elas são mais representadas por terceiros do que se autodefinem. Além disso, não foram identificadas produções científicas que tratassem especificamente das memórias e percepções das atletas olímpicas de Santa Catarina a partir de suas subjetividades. No intuito de

evidenciar as atletas catarinenses que participaram da Rio2016 emerge o objetivo desta pesquisa: compreender como as atletas catarinenses representam a sua trajetória e a sua participação nos JO de Verão de 2016. Desta forma, buscaram-se informações em depoimentos de atletas olímpicas catarinenses que participaram da edição dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016. Estes dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral (ALBERTI, 2005) e analisados por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2000) e pelo viés teórico da História Cultural (CHARTIER, 2011). A partir dos dados analisados até o momento, é possível descrever sobre a inserção das atletas, ainda na infância, no âmbito do esporte competitivo; a superação de dificuldades corporais, financeiras e outros desafios encontrados para a prática esportiva de alto rendimento até a chegada dos JO de 2016, e, sobretudo, resgatar a memória do esporte catarinense a partir da percepção das mulheres atletas.

Palavras-chave: Olimpíadas Rio 2016; Atletas Olímpicos catarinenses; Trajetória Esportiva; História Oral; História das Mulheres.

Referências:

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (Org.) Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

DEVIDE, Fabiano Pries. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

FARIAS, Cláudia Maria de. Projeção e emancipação das mulheres brasileiras no esporte, 1932 -1968. XIII Encontro de História, ANPUH. Rio de Janeiro, 2008.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A metamorfose dos Jogos Olímpicos (1896-1996). Anais do XVII Encontro Regional de História-O lugar da História, v. 6, 2004.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTANHA, Fausto Amaro Ribeiro Picoreli. As mulheres nos esportes olímpicos: olhares da imprensa carioca (1920-1935). *Fulia / Ufmg*, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 172-192, 23 jun. 2019. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.4.3.172-192>.

RUBIO, Katia. *Legado de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

RUBIO, Katia. Identidade heróica e narrativas biográficas: a memória do esporte por atletas olímpicos. *Olimpianos*, v. 3, p. 1-24, 2019.

VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila., 'Ignoring Taboos: Maria Lenk, Latin American Inspirationalist In: *The International Journal of the History of Sport*, (2001): 196-218, DOI:10.1080/714001488

OLÍMPIADAS DE LONDRES, RIO DE JANEIRO E TÓQUIO: INICIAÇÃO ESPORTIVA DOS ATLETAS BRASILEIROS DE ATLETISMO

CARLA CRISTINA SANTOS OLIVEIRA¹

JAIME DELLA CORTE²

LEONARDO CARMO SANTOS²

ANDERSON OCCHI³

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES^{1,2}

¹*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

²*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

³*Universidade Salgado de Oliveira*

INTRODUÇÃO: o Brasil possui uma população com grande variedade cultural e étnica, cuja diversidade de estruturas anatomofisiológicas e outras especificidades, como o comportamento, favorecem para a descoberta de talentos para diferentes modalidades esportivas. No entanto, o país ainda não possui políticas públicas suficientes que fomentem a participação esportiva da população como um todo, e, em especial, crianças e adolescentes.

OBJETIVO: identificar onde começou a trajetória esportiva dos atletas olímpicos, modalidade atletismo, rumo aos Jogos Olímpicos de Verão em 2012 em Londres; em 2016 no Rio de Janeiro; e em 2020 em Tóquio.

MATERIAIS E MÉTODOS: foi realizada uma pesquisa qualitativa que utilizou da análise documental, como o Relatório Oficial produzido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), referente às Olimpíadas de 2012, 2016 e 2020; a obra “Atletas Olímpicos Brasileiros”; site da Confederação da própria modalidade, revistas online e documentos digitais disponíveis na internet. A amostra foi composta por 157 atletas (36 em Londres; 67 no Rio de Janeiro; e 54 em Tóquio). Foram

excluídos da pesquisa 26% dos atletas devido a uma dificuldade de comunicação com a Confederação Brasileira de Atletismo, além da falta de dados sobre o assunto em portais online. RESULTADOS: os resultados apontaram que nas Olimpíadas de Londres, 39% são oriundos de Clubes; 32% de projetos sociais 26% de escolas; e 3% de academias/escolinhas. O estudo revelou que os clubes foram os locais onde a maioria dos atletas brasileiros olímpicos em Londres tiveram o primeiro contato com a modalidade. Com relação ao panorama da iniciação esportiva nas Olimpíadas Rio 2016 e Tóquio 2020 evidenciou-se semelhanças em ambos, pois 31% dos atletas de atletismo são provenientes de escolas; 26% não encontrados (excluídos do estudo); 17% de projetos sociais; 15% clubes; 7% de outros (correspondente a parcela de atletas que tiveram contato com a modalidade através de provas de corridas de rua, nos locais dessas duas edições olímpicas); e 4% academias/escolinhas.

CONCLUSÃO: baseado no exposto, concluiu-se que as escolas possuem grande impacto na iniciação esportiva dos atletas da modalidade atletismo, uma vez que contribuem para a descoberta de talentos. Professores de Educação Física escolar têm influenciado os alunos a participarem nas competições dos Jogos Escolares que a partir de 2005 passaram a ser gerenciadas pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB), com o apoio do Ministério do Esporte.

Palavras-chave: Atletismo; Descoberta de Talentos; Clube; Escola; Projeto Social.

Referências:

BICHARA, J. COB reforça a importância da Lei Agnelo/Piva para o esporte nacional. 10 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/cob-reforca-a-importancia-da-lei-agnelo-piva-para-o-esporte-nacional/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

BÖHME, M. T. S. Talento esportivo. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, Antonio; TANI, Go. (org.). Desporto para crianças e jovens - razões e finalidades. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 235-249.

COB. O Brasil nos Jogos. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/participacoes>. Acesso em: 02 maio 2020.

CORRÊA, A. J. et al. Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro: mapeamento inicial do programa “Bolsa-atleta” (2005-2011). *Pensar a prática*, v. 17, n. 4, 2014.

CUNHA, Vinicius de Faria. Jogada de craque? Fatores críticos que levam empresas públicas a patrocinarem o esporte. Dissertação (Mestrado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro-RJ, 2012.

EDUCAÇÃO DO OLIMPISMO NO ENSINO SUPERIOR: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

DOIARA SILVA DOS SANTOS
CLARISSE SILVA CAETANO
Universidade Federal de Viçosa

O objetivo deste texto é compartilhar experiências e dinâmicas formativas em torno da educação do Olimpismo fomentadas no decorrer da disciplina curricular optativa do curso de Educação Física de uma universidade mineira, denominada “Educação Olímpica e Educação Física Escolar”. A Educação do Olimpismo (EDO) é uma perspectiva que se diferencia da Educação Olímpica (EO). Enquanto a EO busca promover o ensino sistemático dos esportes e outras práticas corporais com ênfase nos valores olímpicos e paralímpicos promovendo a ideologia olímpica como filosofia de vida, a EDO, por sua vez, aponta para a necessidade de expandir os prismas de análise sobre o Movimento Olímpico (MO) em direção crítica. Isso se apresenta com muito potencial para a Educação Física em perspectiva de ensino e, também, de pesquisa do ponto de vista teórico e metodológico. A EDO ampara, portanto, uma possibilidade de trato pedagógico destes temas articulado a questões sociais mais amplas, que inexoravelmente repercutem no MO e seus Jogos como, por exemplo, doping, direitos sociais, igualdade de gênero, violências, etc. Nesse sentido, a EDO potencializa uma lógica de racionalidade epistêmica e pedagógica a partir de apropriação da pedagogia histórico-crítica, que além de reconhecer o valor cultural do fenômeno, também reconhece as urgências sociais às quais o MO como um todo deve manter-se sensível e em diálogo com a realidade. Assim, após contemplar aspectos históricos, elementos biográficos de Coubertin, a Carta Olímpica e a Educação Olímpica, a disciplina promoveu um ciclo de debates em torno de temas de Estudos Olímpicos que se localizam dentro da perspectiva ora denominada Educação do Olimpismo. O ciclo de debates ocorreu online. Três temas foram contemplados: 1) “Olimpismo negro”; 2) “Políticas de elegibilidade,

organizações esportivas e a participação de pessoas trans nos Jogos Olímpicos”; 3) “A pós-graduação em Estudos Olímpicos no Brasil e os temas de pesquisa emergentes”. Foram convidados palestrantes com expertise nas temáticas. Cada tema foi abordado por 2 horas com exposição e questionamentos dos participantes. Esta dinâmica formativa resultou em reflexões coletivas e questões importantes para novos estudos e apropriações didático-metodológicas, em articulação com metodologias de ensino e de pesquisa que, conforme o depoimento dos participantes, não foram tematizadas durante seus percursos formativos.

Palavras-chave: Educação do Olimpismo; Ensino; Dinâmicas Formativas.

Referências:

GOMES, Marta Correa; DOS SANTOS, Leonardo José Mataruna; DA SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso. Educação Olímpica para Quê? Educação Olímpica para Quem? Representações e Práticas para uma Pedagogia Crítica do Olimpismo em Tópicos Especiais - O Doping entre Escolares. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, v. 3, n. 1, p. 38-49, 2014.

REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo et al. Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. 270 p. (Estudos Olímpicos). Disponível em: <http://vitormarinho.ufsc.br/jspui/bitstream/123456789/593/1/OlimpismoEducacaoOlimpica.pdf>. Acesso em: 12 out 2022.

EXPERIÊNCIA FORMATIVA: UMA PROPOSTA DE MINICURSO PARA A PROMOÇÃO DOS TEMAS DOS ESTUDOS OLÍMPICOS

CLARISSE SILVA CAETANO
DOIARA SILVA DOS SANTOS
Universidade Federal de Viçosa

O campo dos Estudos Olímpicos (EO) possibilita uma ampla gama de discussões que perpassam desde as manifestações esportivas, os atletas, instituições e também estabelece um diálogo com a sociedade e seus temas emergentes. Embora apresente múltiplas possibilidades de temas para a produção científica e o ensino em Educação Física (EF), a ausência dos EO na formação inicial limita as produções e desenvolvimento da temática na área. Com o intuito de colaborar com a promoção dos EO na formação inicial em EF, este trabalho tem como objetivo principal socializar uma proposta de minicurso de Introdução aos Estudos Olímpicos desenvolvido e sistematizado no âmbito do Laboratório de Estudos Olímpicos e socioculturais do esporte de uma universidade mineira. O minicurso foi proposto, planejado e executado por membros do grupo de estudo que já tinham um contato com EO a partir de disciplina optativa, monitorias e/ou desenvolvimento de estudos na área. A princípio, buscou-se detectar os conhecimentos prévios dos participantes sobre os Estudos Olímpicos, utilizando-se de um questionário online. Assim, a estrutura foi dividida em dois eixos temáticos, sendo eles: Eixo 1 que tratava de elementos históricos dos Jogos da Antiguidade, dos Jogos da Modernidade e Pierre de Coubertin; e o eixo 2 que visava estabelecer uma relação dos Jogos com atualidades, instituições que fazem parte do Movimento Olímpico e questões socioculturais emergentes. Com a duração de 4 encontros (somando uma carga horária total de 8 horas), as temáticas foram tratadas a

partir de indicações de leituras, áreas temáticas, autores do cenário nacional e internacional, perspectivas de pós-graduação no Brasil e no exterior, com o intuito de apresentar o campo. Além disso, durante o minicurso os participantes podiam fazer questionamentos e dialogar sobre os temas apresentados. Todo o material do minicurso foi organizado tendo como base o suporte teórico da área, a partir da disciplina optativa sobre os EO que tem sido ministrada na instituição. No último encontro, com base nos formulários online sobre contato prévio com a temática dos EO, foi possível perceber que o objetivo central do minicurso de apresentar de forma inicial os EO e suas possibilidades de tematização como produção científica e possibilidades pedagógicas foi contemplado. Assim, iniciativas como essas podem subsidiar caminhos para suprir lacunas já identificadas na literatura sobre a ausência dos EO na formação inicial.

Palavras-chave: Estudos Olímpicos; Experiência Formativa; Minicurso.

Referências:

DACOSTA, Lamartine. Educação Olímpica como metalinguagem axiológica: revisões pedagógicas e filosóficas de experiências internacionais e brasileiras. REPPOLD, A. et al. Olimpismo e Educação Olímpico Brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 17-28, 2009.

SANTOS, Doiara Silva dos; CAETANO, Clarisse Silva. A formação em educação física e a educação olímpica: A perspectiva de professores em formação. In. XXII CONBRACE, 2021, Belo Horizonte. Anais Eletrônicos. Cidade: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15115/8039> Acesso em: 10 out. de 2022.

SILVA, J. I. G.; SILVA, I. M. OS ESTUDOS OLÍMPICOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: análise curricular das Universidades Federais presentes nas capitais do Brasil. Revista Eletrônica Nacional de Educação Física, v. 13, n. 19, jul. 2022. <https://doi.org/10.46551/rn2022131900056>

ESTUDOS OLÍMPICOS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE ENSINO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

CLARISSE SILVA CAETANO
DOIARA SILVA DOS SANTOS
Universidade Federal de Viçosa

A disciplina optativa Educação Olímpica e Educação Física escolar criada durante o período emergencial remoto de uma Universidade Federal mineira inaugurou o tema do Movimento Olímpico no currículo daquela instituição em perspectiva sistematizada e intencional de seu trato pedagógico em aulas de Educação Física (EF). A ementa contempla unidades temáticas que perpassam desde o surgimento dos Jogos da Antiguidade aos Jogos da modernidade e seu idealizador, bem como o evento esportivo e a Educação Olímpica (EO) como possibilidade para aulas de EF no contexto escolar. Neste sentido, partindo dos conteúdos propostos e organizados na disciplina, atividades avaliativas foram desenvolvidas pelos discentes como forma de consolidar o aprendizado em sentido formativo, sendo elas: uma resenha crítica sobre uma obra cinematográfica, a construção de um plano de ensino com uma sequência de aulas e a produção de um material didático do universo da EO para a escola. Esta última permitiu uma reflexão que compõe o objetivo principal deste trabalho: apresentar características e potenciais de uma proposta de ferramenta didática para levar conteúdos dos Estudos Olímpicos para a escola. Mais de 50 produtos intelectuais em forma de materiais didáticos foram desenvolvidos e serão apreciados em estudos futuros. Em específico, este trabalho preliminar apresenta um deles, criado para apresentar a história dos Jogos Olímpicos desde a Antiguidade até os dias atuais. O material foi

contextualizado para aula introdutória voltada para o ensino fundamental (anos iniciais). Trata-se de um vídeo interativo e narrado, produzido com animações e edições de imagens, com linguagem destinada para a faixa etária correspondente. O vídeo tinha 12 minutos e apresentava um quiz ao longo dos conteúdos, dessa forma estabelecendo momentos de diálogo com os alunos. Ao final do vídeo, sinalizou-se a continuidade do tema a partir da realização de uma atividade prática, realizando movimentos e gestos de práticas corporais antigas e modernas que guardam semelhanças. A produção de materiais didáticos torna tangível a importância da sistematização de disciplinas como esta na graduação, fomentando a apropriação e articulação de conteúdos da EF com os Estudos Olímpicos por parte de futuros professores. É a apropriação sólida de recursos, estratégias e conhecimentos específicos que pode colaborar para superar as tematizações esporádicas e superficiais do Movimento Olímpico somente nos períodos dos jogos.

Palavras-chave: Ensino; Educação Física escolar; Materiais didáticos.

Referências:

SILVA, I. M. da .; MARTINS, R.; LIMA, . R. S. . CADÊ OS JOGOS OLÍMPICOS NOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA? Revista Eletrônica Nacional de Educação Física, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 49, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/3604>. Acesso em: 8 out. 2021.

TODT, N. S. Um país olímpico sem educação olímpica? In: PRÊMIO BRASIL DE ESPORTE E LAZER DE INCLUSÃO SOCIAL. 1. ed. Coletânea dos Premiados de 2008. Brasília: Ministério do Esporte, 2009. p. 370-380.

TURINI, M. Análise de atividades de fair play em olimpíada escolar como reforço do desenvolvimento do espírito esportivo. In: TURINI, M.; DACOSTA, L. P. (Orgs.) Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. CDROM. Biblioteca Básica de Textos em Estudos Olímpicos.

VARNIER, T. R. . O Ensino Em Valores A Partir Das Maneiras E Artes De Fazer: Possibilidades Pedagógicas Para As Aulas De Educação Física. 2015.

JOGOS OLÍMPICOS EM DEBATE: EXPOSIÇÃO VIRTUAL REFLEXÕES OLÍMPICAS E DIGNIDADE HUMANA

CAROLINA FONTOURA MORENO^{1,3}

CHRISTIAN ROBERTO KERN^{2,3}

FERNANDO CARBONELL DA FONTOURA³

NELSON SCHNEIDER TODT^{2,3}

¹*Centro Universitário Ritter dos Reis*

²*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

³*Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS*

O projeto Reflexões Olímpicas surge no Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul para ocupar um espaço social, pedagógico e não necessariamente científico. O projeto tem como objetivo trabalhar a relação e a repercussão que existe entre os desafios contemporâneos internacionais e o Movimento Olímpico. Nesse sentido, o projeto constitui-se na realização de entrevistas com especialistas e autoridades do Movimento Olímpico com o objetivo de entender a conexão das crises sociais na vida do atleta e seu entorno, trazendo diferentes análises vindas de diferentes áreas de conhecimento. Como decorrência, o trabalho realizado pelo projeto Reflexões Olímpicas ampliou sua repercussão com a exposição virtual do eMuseu do Esporte no mês de agosto de 2021 intitulada “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana”. A exposição contou com a curadoria do Professores Nelson Todt e Lamartine DaCosta e parte de cinco entrevistas publicadas em inglês, português e espanhol, com as temáticas esporte e valores, intersexualidade, refugiados e liberdade de expressão, ampliou a discussão dos temas exibidos incluindo a análise de 23 especialistas de renome internacional nas áreas de Estudos Olímpicos, contemplando 9 países de 5 continentes. Para a realização da exposição, instituições como a PUCRS, Comitê Internacional Pierre de Coubertin, Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin e o eMuseu do Esporte ofereceram suporte institucional, assim como a ONU através

do Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil, e de suas Agências Especializadas como o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dessa forma, o trabalho que vem sendo realizado no GPEO PUCRS se estendeu em uma das dez exposições virtuais permanentes que o eMuseu do Esporte dispõe em sua plataforma, mostrando, através da exposição Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana, um novo direcionamento nas percepções do esporte e do Movimento Olímpico. Com o alcance de mais de 75.000 pessoas nas primeiras semanas da exposição, revelou-se também uma nova forma de aproximar os debates dos Jogos Olímpicos com a sociedade. Como desencadeamento do projeto e da exposição, foi lançado o e-Book “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana”, publicado na Olympic World Library e destaque na revista Olympic Review do COI, edição 118.

Palavras-chave: Movimento Olímpico; Desafios Contemporâneos; Esporte e Valores; Direitos Humanos.

Referências:

ACNUR BRASIL. Com apoio da ONU, eMuseu inaugura exposição sobre Olimpíadas e inclusão através do esporte. Disponível em: www.acnur.org/portugues/2021/08/02/com-apoio-da-onu-emuseu-inaugura-exposicao-sobre-olimpiadas-e-inclusao-atraves-do-esporte/. Acesso em: 17 out. 2022.

FUNDACIÓN LUIS VIVES. Claves Sobre la Pobreza y la Exclusión Social en España. ed. Madrid: Fundación Luis Vives, 2010. p. 1-28.

COUBERTIN BRASIL. É lançada a exposição virtual “Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana”. Disponível em: <https://www.coubertinbrasil.com.br/e-lancada-a-exposicao-virtual-reflexoes-olimpicas-edignidade-humana/>. Acesso em: 17 out. 2022.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. IOC Strategic Framework on Human Rights. 1. ed. Lausanne: International Olympic Committee, 2022. p. 1-50.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Studies: The latest book reviews from the IOC Olympic Studies Centre - your source of

Olympic knowledge. Olympic Review, Lausanne, n. 118, p. 78-79, jul./2022. Disponível em: <https://olympicreview.touchlines.com/118/78-1/>. Acesso em: 17 out. 2022.

MATEOS, Oscar. El Shock Pandémico. ed. Barcelona: Cristianisme i Justícia, 2021. p. 1-34.

NAÇÕES UNIDAS - ONU NEWS. Exposição virtual destaca dignidade humana durante as Olimpíadas. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/08/1758682>. Acesso em: 17 out. 2022.

OLYMPIC WORLD LIBRARY. Reflexões olímpicas e dignidade humana - Olympic Reflections and Human Dignity. Disponível em: <https://library.olympics.com/Default/digital-viewer/c-1447360>. Acesso em: 17 out. 2022.

OLYMPICS. IOC approves Strategic Framework on Human Rights. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/news/ioc-approves-strategic-framework-on-human-rights>. Acesso em: 17 out. 2022.

TODT, N. et al. Reflexões Olímpicas e Dignidade Humana: Olympic Reflections and Human Dignity. 1. ed. Rio de Janeiro: Gama Assessoria, 2022. p. 1-174.

IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO TROFÉU BRASIL DE ATLETISMO: A PERFORMANCE DOS ATLETAS BRASILEIROS NO CICLO OLÍMPICO 2017-2021

JHONATAN MARQUES MACHADO¹

FELIPE FERNANDES DA SILVA²

LETICIA MARIA CUNHA DA CRUZ¹

SELVA MARIA GUIMARÃES BARRETO¹

JORGE ROBERTO PERROUT DE LIMA¹

¹*Universidade Federal de Juiz de Fora*

²*Faculdade de Desporto da Universidade do Porto*

Eventos e clubes esportivos de diversos lugares do mundo sofreram com modificações nos treinamentos e competições devido à pandemia da Covid-19. Seriam estas mudanças capazes de afetar o desempenho esportivo dos atletas? O presente estudo teve como objetivo verificar se o ano de 2020 foi capaz de influenciar na participação e desempenho os atletas no principal evento de atletismo do país, o Troféu Brasil de Atletismo. O número de atletas participantes foi obtido através da lista de inscrição de cada ano do torneio. Além disso, comparamos os resultados dos finalistas masculinos e femininos nos anos de 2017 a 2021 das provas mais frequentes da competição. Somente a prova dos 10.000 metros rasos femininos apresentou diferença significativa no ano de 2020. Portanto, apesar de ser um ano atípico para treinamentos e competições, o ano de 2020 com a pandemia da Covid-19 não impactou a participação, nem os resultados dos atletas finalistas do Troféu Brasil de Atletismo 2020.

Palavras-chave: Atletismo; Pandemia; Desempenho Atlético.

Referências:

BRASIL. Entra em vigor estado de calamidade pública no Brasil. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/entra-em-vigor-estado-de-calamidade-publica-no-brasil>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CBAT. Em função da pandemia da COVID-19 e a prorrogação da quarentena, a entidade anunciou mais alterações em seu calendário. Disponível em: <<http://cbat.org.br/novo/noticias/noticia.aspx?id=16002>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

COI. Tokyo 2020, Here We Go: new dates, same commitment - Olympic News. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/tokyo-2020-here-we-go-new-dates-same-ommitment>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DREWES, M.; DAUMANN, F.; FOLLERT, F. Exploring the sports economic impact of COVID-19 on professional soccer. Soccer & Society, v. 0, n. 0, p. 1-13, 3 ago. 2020.

OMS. What is a pandemic? Disponível em: <http://www.who.int/csr/disease/swineflu/frequently_asked_questions/pandemic/en/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

OMS. Update 31 - Coronavirus never before seen in humans is the cause of SARS. Disponível em: <<https://www.who.int/news/item/16-04-2003-update-31---coronavirus-never-before-seen-in-humans-is-the-cause-of-sars>>. Acesso em: 10 dez. 2020a.

WONG, A. Y.-Y. et al. Impact of the COVID-19 pandemic on sports and exercise. Asia-Pacific Journal of Sports Medicine, Arthroscopy, Rehabilitation and Technology, v. 22, p. 39-44, 1 out. 2020.

WORLD ATHLETICS. Olympic qualification period suspended until 1 December 2020 | PRESS-RELEASES | World Athletics. Disponível em: <https://www.worldathletics.org/news/press-releases/olympic-qualification-suspended-2020>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

CHEERLEADING NOS JOGOS OLÍMPICOS? POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA MODALIDADE NO BRASIL

WILLIAM FERRAZ DE SANTANA

RICARDO RICCI UVINHA

Universidade de São Paulo

O cheerleading vem crescendo significativamente ao redor do planeta. Não por acaso, recebeu em 2021, diretamente do Comitê Olímpico Internacional (COI), o reconhecimento mais alto concedido à uma modalidade esportiva, o primeiro passo oficial para um esporte participar dos Jogos Olímpicos. No Brasil, a modalidade está fortemente presente em universidades, assim como o número de ginásios especializados em cheerleading aumentam exponencialmente. A partir do status concedido pelo COI e dado o progressivo crescimento do cheerleading no país, este projeto visa, portanto, à luz da teoria em gestão do esporte, discutir quais são as perspectivas de desenvolvimento do cheerleading no curto, médio e longo prazo no Brasil. Para isso, enquanto procedimento metodológico, a pesquisa qualitativa foi escolhida e aplicada através de um roteiro de entrevista semiestruturada realizada com coaches de cheerleading com relevância nacional, de forma a identificar os principais desafios em prol de seu desenvolvimento no Brasil. Como principais resultados, destacamos que o cheerleading, por ainda não ser modalidade olímpica, carece de oportunidades frente a outros esportes tradicionais. Contudo, devido à sua força e potencial, já vem se destacando a ponto de já conseguir patrocínios individuais de atletas para competirem o mundial de cheerleading em Orlando, EUA em 2022; e já obteve também incentivos financeiros municipais para a realização de campeonatos da modalidade na cidade de São Paulo, como o tradicional Campeonato Paulista Universitário, e no Rio de Janeiro, com a disponibilização das Arenas do Parque Olímpico para a realização do Campeonato Brasileiro de Cheerleading. Como conclusão, apontamos que a gestão esportiva da modalidade necessita

de oportunidades de profissionalização, e que, o cheerleading no país só alcançará o devido reconhecimento quando a modalidade adentrar o programa olímpico, o que pode vir a acontecer na edição de Los Angeles, em 2028, que será realizada nos Estados Unidos, o berço do cheerleading mundial. Espera-se que os dados obtidos por meio desta pesquisa embasem futuras produções acadêmicas sobre o cheerleading no país.

Palavras-chave: Cheerleading; Jogos Olímpicos, Gestão Esportiva.

Referências:

MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; ZARDINI-FILHO, C. E.; CAZORLA MILLA, A. Youth Olympic Games: Using marketing tools to analyse the reality of GCC countries beyond Agenda 2020. *Journal of Human Sport and Exercise - 2019 - Rio 2016 Olympic Games Second Anniversary Special Edition. Anais... Em: JOURNAL OF HUMAN SPORT AND EXERCISE - 2019 - RIO 2016 OLYMPIC GAMES SECOND ANNIVERSARY SPECIAL EDITION.* Universidad de Alicante, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10045/93434>>. Acesso em: 6 maio. 2021

MAZZEI, L. Gestão da Confederação Brasileira de Judô: Um Estudo de Caso. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, v. 2, p. 30-42, 27 abr. 2012.

MAZZEI, L. C.; AMAYA, K.; DA CUNHA BASTOS, F. Programas acadêmicos de graduação em gestão do esporte no Brasil. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 12, n. 1, 2013.

MIRANDA, Y. H. B. et al. A importância da gestão esportiva no desenvolvimento do voleibol brasileiro: estratégias da Confederação Brasileira de Voleibol. *Revista de Gestão e Negócios do Esporte*, v. 1, n. 1, p. 13-23, 2016.

MUELLER, F. O. Cheerleading Injuries and Safety. *Journal of Athletic Training*, v. 44, n. 6, p. 565-566, 1 nov. 2009.

RUBIO, K. Da Europa para a América: a trajetória do Movimento Olímpico brasileiro. *Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, ISSN 1138-9788, No. 9, 181-204, 2005, 1 jan. 2005.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 24, n. 1, p. 55-68, mar. 2010.

SOUZA, S. L. A importância da estratégia organizacional para a Confederação Brasileira de Voleibol. *Revista pensamento contemporâneo em administração*, v. 1, n. 1, p. 116-125, 2007.

CARRETA DO EMUSEU DO ESPORTE: UMA FERRAMENTA DE ACESSO À TECNOLOGIA, ESPORTE, INCLUSÃO E SUSTENTABILIDADE EM MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

BIANCA GAMA PENA^{1,2}

PIETRO RODRIGUES¹

SÍLVIO DE CÁSSIO COSTA TELLES^{1,3}

PATRÍCIA DOS SANTOS VIGÁRIO⁴

¹*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

²*eMuseu do Esporte*

³*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

⁴*Centro Universitário Augusto Motta*

O objetivo do estudo foi investigar a percepção dos visitantes de um museu virtual interativo itinerante sobre a experiência do contato com esportes por meio da tecnologia 3D e do uso de materiais recicláveis. Métodos: estudo seccional com análise de dados de pesquisa de satisfação realizada entre dezembro/21 e março/22, em nove municípios do Estado do Rio de Janeiro. A amostra foi composta por 510 indivíduos com média de idade de 25,1 3 16,1 anos. Um total de 55% (n= 277) eram mulheres e 2% (n=10) tinham deficiência. O museu é organizado em uma carreta de 13 metros de comprimento dividida em área interna e externa. São oferecidas atividades gratuitas aos usuários como simuladores utilizando tecnologia 3D, holografias, vídeos em sala 360°, oficina de construção de implementos esportivos a partir de materiais recicláveis e prática de esportes. Todas as atividades possuem acessibilidade para pessoas com deficiência física, visual e auditiva. Ao término da visita, os usuários são convidados a responder uma pesquisa de satisfação so-

bre as vivências no museu. Resultados: um total de 75% (n=322) dos participantes nunca tinham tido contato com esportes por meio de tecnologia 3D antes da visita ao museu. As atividades de maior preferência foram os simuladores de skate (n=255; 50%) e surf (n=105; 20,6%). Embora a maior parte (94%; n=475) soubesse que a reciclagem e o reaproveitamento de materiais possuem um impacto positivo na preservação do meio ambiente, quase 40% (n=142) daqueles que participaram da oficina de sustentabilidade não sabia que era possível utilizar materiais recicláveis e reutilizáveis para a construção de implementos esportivos, e cerca de 85% (n=253) ensinaria para outras pessoas. Para 86% (n=355) ter participado do museu virtual itinerante motivou a prática de exercícios físicos e esportes. Quando questionados sobre a palavra ou sentimento que as experiências vivenciadas no museu traziam à mente, os termos mais frequentes foram: “legal”, “diversão”, “alegria”, “saúde”, “bom/ boa”, ou seja, todos representativos de aspectos positivos. Ao longo dos três meses, o museu realizou 147.978 atendimentos, sendo 123.315 diretos. Conclusão: a visita ao museu virtual itinerante foi positiva, uma vez que proporcionou à maioria dos participantes o contato inédito com o esporte por meio da tecnologia 3D, o aprendizado sobre a reutilização de materiais para a construção de implementos esportivos e o estímulo à prática de exercícios físicos e esportes.

Palavras-chave: Esporte; Tecnologia; Inclusão; Sustentabilidade.

Referências:

AN, H.-Y., Chen, W., Wang, C.-W., Yang, H.-F., Huang, W.-T., & Fan, S.-Y. (2020). The Relationships between Physical Activity and Life Satisfaction and Happiness among Young, Middle-Aged, and Older Adults. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(13). <https://doi.org/10.3390/ijerph17134817>

CAHILL, S. M., Egan, B. E., & Seber, J. (2020). Activity- and Occupation-Based Interventions to Support Mental Health, Positive Behavior, and Social Participation for Children and Youth: A Systematic Review. *The American Journal of Occupational Therapy : Official Publication of the American Occupational Therapy Association*, 74(2), 7402180020p1-7402180020p28. <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.038687>

DIMITRI, P., Joshi, K., & Jones, N. (2020). Moving more: physical activity and its positive effects on long term conditions in children and young people. *Archives of Disease in Childhood*, 105(11), 1035-1040. <https://doi.org/10.1136/archdischild-2019-318017>

Nações Unidas Brasil. (n.d.-a). Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 12 - Consumo e produção responsáveis. Retrieved October 31, 2022, from <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs%0A>

Nações Unidas Brasil. (n.d.-b). Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 - Saúde e Bem-Estar. Retrieved October 31, 2022, from <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/3>

Nações Unidas Brasil. (n.d.-c). Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 - Educação de qualidade. Retrieved October 31, 2022, from <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>

Nações Unidas Brasil. (n.d.-d). Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Retrieved November 3, 2022, from <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

VIGÁRIO, P. dos S., Pena, B. G., Telles, S. de C., Costa, Souza, A. C. C. de, Barros, I., Silva, C. S. da, Cortat, J. M., & Silva, G. S. da. (2021). *Atletismo Olímpico e Paralímpico* (1st ed.). Gama Assessoria Empresarial.

VIGÁRIO, P. dos S., Pena, B. G., Telles, S. de C., Souza, A. C. C. de, & Cortat, J. M. (2021). *Vôlei e vôlei sentado* (1st ed.). Gama Assessoria Empresarial.

VIGÁRIO, P. dos S., Pena, B. G., Telles, S. de C., Souza, A. C. C. de, Cortat, J. M., & Jesus, J. S. de. (2021). *Basquete e basquete em cadeira de rodas* (1st ed.). Gama Assessoria Empresarial.

VIGÁRIO, P. dos S., Pena, B. G., Telles, S. de C., Souza, A. C. C. de, Cortat, J. M., Silva, G. S. da, & Ferreira, D. da S. (2021). *Esgrima e esgrima em cadeira de rodas* (1st ed.). Gama Assessoria Empresarial.

VIGÁRIO, P. dos S., Pena, B. G.; Telles, S. de C., Souza, A. C. C. de, Paulo, C. R. D., & Garcia, A. G. (2022). *Tênis e tênis de mesa Paralímpico*. Gama Assessoria Empresarial.

VIGÁRIO, P. dos S., Pena, B. G., Telles, S. de C., Souza, A. C. C. de, Paulo, C. R. D., & Garcia, A. G. (2022). Tênis e tênis em cadeira de rodas. Gama Assessoria Empresarial.

World Health Organization. (1948). Constitution of the World Health Organization. <https://www.who.int/about/governance/constitution>

ISBN 9786585218016



9 786585 218016 >